



UC/FPCE_2010

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**O temperamento das crianças e os estilos e sentido de
competência parentais**

Silvana Peixoto Martins (e-mail: silvana.martins12@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, sub-área de
especialização: Sistémica, Saúde e Família, sob a orientação da
Professora Doutora Maria João Seabra-Santos

O temperamento da criança e os estilos e o sentido de competência parentais

Resumo

Este estudo pretende investigar a relação entre o temperamento da criança e os estilos e sentido de competências parentais. Constitui-se igualmente objectivo deste trabalho contribuir para a validação para a população portuguesa da Bateria de Avaliação do Temperamento Infantil - Revista (Martin & Bridger, 1999). Tendo em vista estes objectivos, foram aplicados aos pais de crianças em idade pré-escolar (n=124) os seguintes questionários: Bateria de Avaliação do Temperamento - Revista, versão pais (TABC-R); Escala de Estilos Parentais (O'Leary, Arnold, Wolf & Acker, 1993) e Escala de Sentido de Competência Parental (PSOC; Johnston & Mash, 1989). A algumas das educadoras destas crianças (n=124) foi, igualmente, aplicada a TABC-R, versão professores. O estudo das correlações entre os resultados obtidos nos diversos instrumentos revela que determinadas práticas parentais estão relacionadas com características temperamentais das crianças (impulsividade, nível de actividade) e/ou com o nível de satisfação percebido pelos pais relativamente à parentalidade. Por outro lado, não foram encontrados resultados que comprovem a relação entre as características temperamentais das crianças e o sentido de competência parental. A exploração de aspectos relativos à precisão da TABC-R permitiu verificar resultados moderados no que concerne à consistência interna e fracos quanto ao acordo entre pais e educadores. Estes resultados deverão ser comprovados através de estudos futuros.

Palavras-chave: Temperamento; Estilos Parentais; Sentido de Competência Parental; *Goodness-of-fit*; Idade pré-escolar.

Children's temperament and parental styles and sense of competence

Abstract

This research aims to study the relation between children's temperament and parental styles and sense of competence. Another goal is to contribute to the validation of the Temperament Assessment Battery for Children – Revised for the Portuguese preschoolers. Keeping these goals in mind, the following questionnaires were administered to parents of preschoolers (n=124): Temperament Assessment Battery for Children – Revised, Parent form (TABC –R; Martin & Bridger, 1999); Parenting Scale (O'Leary, Arnold, Wolf & Acker, 1993) and *Parenting Sense of Competence Scale* (PSOC; Johnston & Mash, 1989). Correlational analyses show that certain parental styles are related to temperamental characteristics of children (impulsivity, activity level) and/or with the parents' level of satisfaction concerning parenting. On the other hand, results do not confirm a relation between temperamental characteristics of the children and parental sense of competence. The exploration of issues related with TABC-R's precision showed moderate results concerning internal consistency and low results of inter-rater agreement (parents/teachers). These results must be

replicated in future studies.

Key Words: Temperament; Parenting Styles; Parenting Sense of Competence, Goodness-of-fit; Preschoolers.

Agradecimentos

Quero deixar os meus sinceros agradecimentos,

Em primeiro lugar, à Professora Doutora Maria João Seabra Santos pelos conhecimentos transmitidos, rigor, exigência, incentivo e dedicação com que sempre me guiou ao longo da realização deste trabalho.

A todos os professores da faculdade, pela partilha dos seus conhecimentos, em especial às Professoras Doutoradas Isabel Alberto, Madalena Carvalho, Madalena Alarcão e Ana Paula Relvas por permitirem a entrada no fantástico mundo da sistémica.

À Dra. Anísia pelo carinho com que sempre guardou uma das suas cadeiras para me acolher, ouvir e guiar, nos momentos em que as incertezas obstruíam o meu caminho. E ao Centro de Saúde Fernão Magalhães, palco de ano intenso de trabalho, momentos e pessoas inesquecíveis e por toda a disponibilidade demonstrada na recolha da amostra.

Aos meus pais pela presença constante, incentivo, carinho e confiança que sempre depositaram em mim. Ao meu irmão pela partilha de (des)entendimentos sempre úteis ao nosso crescimento.

À minha família, em especial à minha avó e à minha madrinha, por todo carinho e ajuda, principalmente nos momentos mais difíceis ao longo do nosso percurso pela vida.

Às minhas amigas agradeço a amizade com que sempre me acolheram e que coloriu os meus dias mais cinzentos. À Ana, à Joana, à Jolente, à Margarida e à Patrícia pelo lugar que sempre guardaram para mim nas suas vidas, pelos desafios que ultrapassamos juntas e por tudo aquilo que, pela sua enorme intensidade, as palavras são incapazes de transmitir.

À “família” que me acompanhou ao longo desta minha passagem pela cidade de Coimbra, pelo apoio, amizade e carinho com que sempre me acolheram e ajudaram, com um especial obrigada à Linda, à Joana, à Carolina, à Albertina e à Dona Celeste que com o seu importante contributo na recolha da amostra tornaram possível este trabalho.

À Natália e à Célia que com o seu espírito de ajuda e companheirismo tornarem este ano ainda mais especial.

Índice

Introdução	6
I. Enquadramento conceptual	8
1. Que tipo de pai/mãe serei?	8
1.1 Estilos parentais	8
1.2 Sentido de competência parental	10
2. Características da criança: a noção de temperamento	12
3. As características dos pais, das crianças e o conceito de “bom ajustamento”	15
II. Objectivos e Hipóteses	20
III. Metodologia	21
1. Amostra	21
1.1 Caracterização da amostra	21
1.2 Instrumentos	23
1.2.1 Bateria de Avaliação do Temperamento Infantil Revista	23
1.2.2 Questionário de Estilos Parentais	24
1.2.3 Escala de Sentido de Competência Parental	25
1.3 Selecção da amostra e procedimentos de recolha e tratamento de dados	25
IV. Resultados	26
1. Bateria de Avaliação do Temperamento Infantil Revista ..	26
1.1 Dados normativos preliminares e análise de diferenças em função das características demográficas	26
1.2 Estudos relativos à precisão	28
1.2.1 Consistência interna	28
1.2.2 Acordo entre avaliadores	31
2. Questionário de Estilos Parentais	31
3. Escala de Sentido de Competência Parental	32
4. Estudo da relação entre variáveis	33
V. Discussão e conclusões	36
Bibliografia	41
Anexos	45

Introdução

Nos dias de hoje assiste-se a um crescente interesse pelo estudo de vários tópicos relacionados com os primeiros anos de vida das crianças. Este interesse deve-se ao reconhecimento de que determinadas características comportamentais, presentes desde cedo, podem estar na origem de problemas de comportamento que vêm a manifestar-se numa fase posterior do desenvolvimento. Por conseguinte, uma identificação precoce das características das crianças e da forma como os pais interagem com elas poderá constituir um ponto fulcral na prevenção de problemas comportamentais e, inclusive, ajudar os profissionais na criação de programas que possam contribuir para uma melhoria na forma dos pais lidarem com as características dos filhos.

Pais e filhos influenciam-se mutuamente, cada um agindo em função do comportamento do outro. Neste sentido, para alcançar mudança e proporcionar um bom ajustamento entre eles, torna-se importante analisar esta relação com base numa visão holística e complementar. Estes aspectos justificam a relevância do estudo de características, quer dos pais, quer da criança, e da complexa relação entre elas.

Neste sentido, uma variável importante que contribui, do lado dos pais, para a relação entre eles e os seus filhos poderá ser os estilos parentais, os quais representam um conjunto de atitudes que originam um determinado padrão comportamental dos pais, quando em interacção com os seus filhos. Adicionalmente, nesta complexa interacção, o sentido de competência parental, isto é, a percepção que os pais têm da sua eficácia no papel de pais, poderá contribuir para o estabelecimento de um bom ou mau ajustamento em relação aos seus filhos.

Por sua vez do lado da criança, o temperamento, encarado como um conjunto de características que a definem e que permanecem mais ou menos estáveis ao longo do tempo, tem sido referido na literatura como uma variável que, em determinadas condições, pode encontrar-se associada ao aparecimento de problemas de comportamento.

Porém, não podemos olhar para a interacção pais-criança adoptando uma perspectiva causa-efeito, ou seja, não é possível afirmar que são os estilos parentais ou quaisquer outras características individuais dos pais que conduzem a problemas comportamentais nas crianças, nem que o inverso é verdadeiro. Trata-se sim de relações complexas, nas quais as influências são recíprocas e condicionadas por um conjunto intrincado de variáveis.

Este trabalho está organizado em cinco partes fundamentais. Numa primeira parte, referente ao enquadramento teórico, é realizada uma revisão da literatura em três etapas diferenciadas. A primeira diz respeito às questões em torno da temática da parentalidade, sendo abordados os conceitos de estilos parentais e de sentido de competência parental. O segundo tópico diz respeito ao conceito de temperamento, procedendo-se à sua definição e caracterização. Por fim, o último tópico deste enquadramento representa uma integração de todos os aspectos anteriormente explorados, ou seja, procede-se a uma análise da relação entre as questões da parentalidade e o

temperamento infantil, com especial destaque para o conceito de “*goodness of fit*”. Na segunda parte deste trabalho, são apresentados os objectivos e as hipóteses do estudo empírico desenvolvido. Na terceira parte, expõe-se a metodologia utilizada, mais concretamente no que se refere aos critérios de selecção da amostra, aos procedimentos estabelecidos para a recolha de dados e aos instrumentos de avaliação que foram utilizados. No ponto quatro, são apresentados os resultados e as interpretações desses mesmos resultados. Por último, numa quinta parte, discutir-se-ão os resultados obtidos e elaborar-se-á uma reflexão acerca do trabalho realizado.

I – Enquadramento conceptual

1. Que tipo de pai / mãe serei?

1.1. Estilos parentais

Entende-se por estilos parentais um conjunto de atitudes que os pais têm face aos seus filhos, que lhes são comunicadas, e que propiciam um clima emocional no qual se verifica a expressão de comportamentos parentais. Incluem as práticas parentais e outros aspectos da interacção pais-filhos, nomeadamente o tom de voz, a linguagem corporal e a expressão espontânea de diversas emoções. É neste contexto que ocorre o processo de socialização da criança (Darling & Steinberg, 1993). Não podemos olhar para os estilos parentais como variáveis estanques, uma vez que estes são marcadamente influenciados por factores culturais. Neste sentido, é importante analisarmos os estilos parentais à luz dos valores e orientações de uma determinada cultura e, embora os objectivos parentais possam ser iguais nas diversas culturas, as formas utilizadas pelos pais para os alcançar podem ser diferentes (Benetti & Balbinotti, 2003). Assim, os estilos parentais, conjugados com outras variáveis, poderão originar diferentes formas de relacionamento entre pais e filhos (Werkhoven, Londen & Stevens, 2001)¹.

Diversos estudos têm considerado o impacto de três dimensões principais nos estilos parentais, as quais, em função das características que assumem e do modo como se encontram associadas, definem os diferentes estilos (Hart et al., 2003, Schaefer, 1965, cit. in Aunola & Nurmi, 2005). Essas dimensões são: 1) a afectividade (e.g. reciprocidade, envolvimento e suporte), que diz respeito ao contacto emocional entre pais e filhos (Galambos et al., 2003); 2) o controlo comportamental (e.g. exigências desenvolvimentais, monitorização e imposição de limites), que consiste na regulação do comportamento da criança recorrendo a regras firmes e consistentes para a criação de disciplina (Barber, 1996; Galambos et al., 2003); 3) e o controlo psicológico (e.g. amor, afastamento, culpabilização) referente ao controlo, por parte dos pais, das emoções e comportamento dos filhos, com um significado psicológico (Barber, 1996).

A investigação nesta área tem largamente demonstrado que determinados tipos de conjugações entre as características parentais relativas às dimensões acima apresentadas poderão propiciar o aparecimento de problemas comportamentais nas crianças. Assim, por exemplo, uma baixa afectividade associada a um elevado controlo poderá constituir um factor precipitante no aparecimento de certos problemas de comportamento (Barber & Olsen, 1997, Eccles, Early, Frasier, Belansky, & McCarthy, 1997, Pettit,

¹ Darling e Steinberg (1993) alertam para a importância de não confundir “estilos parentais” com “práticas parentais”. Para os autores, entende-se por práticas parentais todos os comportamentos que são definidos por conteúdos específicos e por objectivos de socialização. Alvarenga (2001, cit. in Weber, Prado, Viezzer, Brandenburg & Paraná, 2004) acrescenta, ainda, que as práticas parentais dizem respeito a estratégias, utilizadas pelos pais, com o objectivo de eliminar comportamentos inadequados ou de estimular o aparecimento de comportamentos adequados.

Laird, Dodge, Bates, & Criss, 2001, Stice & Barrera, 1995, todos cit. in Aunola & Nurmi, 2005). Os problemas comportamentais poderão ocorrer, sobretudo, quando se encontrem associadas determinadas características individuais, como especificidades da personalidade dos pais e do temperamento das crianças, e certos aspectos do estilo parental adoptado pelos pais (Baumrind, 1991; Darling & Steinberg, 1993).

Neste contexto, e a título de exemplo, Solantaus-Simula, Punamäki e Beardslee (2002) fazem uma revisão de diversos estudos que, partindo da ideia bastante generalizada de que a depressão parental constitui um factor de risco no surgimento de depressão e de outros problemas psiquiátricos na criança, obtiveram resultados que permitem afirmar que não são os sintomas da depressão em si que levam ao aparecimento da perturbação nos filhos, mas sim os efeitos que esta provoca no exercício da parentalidade e da comunicação. Estes estudos poderão constituir um ponto de partida para a reflexão sobre a complexidade da relação entre pais e filhos, a qual será abordada com mais detalhe no ponto 3 deste enquadramento.

A temática dos estilos parentais é estudada por diversos autores, dando origem a diferentes tipologias. A tipologia de Baumrind (1966, 1971), sendo uma das mais divulgadas, foi desenvolvida com base em informações recolhidas nos estudos realizados pela autora e documenta três tipos de estilos parentais: autoritário, permissivo e democrático.

O estilo autoritário (*authoritarian*) está presente quando os pais demonstram um controlo elevado sobre os seus filhos, contrastando com baixos níveis de afectividade. Os pais que recorrem a este estilo evidenciam baixos níveis de interacção com os seus filhos, podendo, em alguns momentos, recorrer à punição física. Os pais rejeitam a autonomia dos filhos e exigem obediência às regras que eles próprios impõem. No estilo permissivo (*permissive*), os pais possuem um baixo nível de controlo e um elevado nível de afectividade, exigem pouco dos filhos e deixam que sejam eles a regular as suas próprias actividades, recorrendo escassas vezes ao castigo. São pais que se caracterizam pela dificuldade na imposição de regras. Por fim, os pais que recorrem a um estilo democrático (*authoritative*), também designado de autoritativo ou autorizado, demonstram um elevado grau quer de controlo quer de afectividade. Incentivam e promovem uma relação positiva com os seus filhos, esperam deles determinados comportamentos de acordo com as regras que fazem parte do funcionamento familiar, explicando-lhes e negociando essas mesmas regras e, quando necessário, recorrendo ao uso de disciplina. Discutem os problemas conjuntamente com os filhos e, quando há necessidade de aplicar estratégias disciplinares, adoptam uma posição firme e confiante a qual, no entanto, não inclui o recurso a punição física (Baumrind 1966, 1971).

Maccoby e Martin (1983) partiram da tipologia proposta por Baumrind (1966, 1971), reorganizando-a com o recurso a duas dimensões, designadamente a exigência (*demandingness*) e a responsividade (*responsiveness*) parentais. A exigência parental diz respeito a todas as atitudes dos pais que são usadas com o objectivo de, de alguma forma,

controlar o comportamento dos filhos, estabelecendo limites e regras. Por seu lado, a responsividade é caracterizada por atitudes compreensivas adoptadas pelos pais para com os seus filhos, que pretendem favorecer o desenvolvimento da autonomia e da auto-afirmação dos mesmos. Um outro aspecto inovador, comparativamente à proposta de Baumrind (1966, 1971) foi a desagregação do estilo permissivo em dois novos estilos: o estilo indulgente (*uninvolved*) e o estilo negligente (*neglectful*).

Neste sentido, para Maccoby e Martin (1983) os estilos parentais poderiam ser caracterizados tendo por base as dimensões acima referidas. Assim, os pais que recorrem ao estilo autoritário são exigentes e não responsivos, verificando-se um desequilíbrio entre as suas exigências e as necessidades demonstradas pelos filhos, dos quais é esperada uma postura de aceitação passiva do que lhes é por eles imposto. Os pais indulgentes apresentam responsividade, contudo não são exigentes. Os pais democráticos são responsivos e exigentes, ou seja, verifica-se uma reciprocidade no comportamento de ambos, em que os filhos devem ir de encontro às exigências dos pais, mas têm espaço para expor os seus pontos de vista e as suas necessidades, aos quais os pais respondem positivamente quando estes demonstram ser adequados. Por fim, os pais negligentes² não são exigentes nem responsivos, respondendo apenas aos pedidos imediatos dos seus filhos com o único objectivo de os suprimir.

O recurso aos estilos parentais para estudar o relacionamento entre pais e filhos apresenta-se como sendo relevante, uma vez que previne falsas interpretações no que respeita à associação entre aspectos isolados do comportamento dos pais e das características dos filhos (Weber, Prado, Viezzer, Brandenburg & Paraná, 2004).

1.2 Sentido de competência parental

Será que estou a ser um bom pai/ uma boa mãe? Será que estou a fazer aquilo que é mais correcto? Estas podem ser algumas das questões que muitos pais se colocam a si próprios em determinados momentos do desempenho do seu papel de pais. O exercício da parentalidade não é uma tarefa fácil para os pais. A sociedade actual e a globalização implicam um conjunto de solicitações e exigências que, por vezes, podem ser difíceis de atender, ou seja, os pais têm de responder aos desafios impostos pelos seus empregos, gerir os seus salários, cuidar dos filhos respondendo às suas necessidades básicas ao mesmo tempo que procuram proporcionar-lhes o

² Maccoby e Martin (1983) diferenciam estilo parental negligente de famílias negligentes. Desta forma, os autores referem que as famílias negligentes são caracterizadas por uma forma de negligência que é considerada como maltrato, uma vez que os cuidadores não dão resposta às necessidades básicas das crianças (físicas, sociais, psicológicas e intelectuais). Contrariamente, o estilo parental negligente refere-se aos pais que não se envolvem activamente no exercício da parentalidade conduzindo, a longo prazo, a uma diminuição das componentes do papel parental que podem, por vezes, desaparecer ao ponto de persistir uma relação funcional mínima entre pais e filhos.

melhor futuro possível. Sentir-se competente no exercício da parentalidade poderá ser um factor que ajudará os pais a vencer melhor todos estes desafios.

Partindo de conceitos teóricos introduzidos por Bandura, Johnston e Mash (1989) referem que o sentido de competência parental corresponde ao grau em que os pais se percebem como competentes e confiantes no controlo dos comportamentos dos seus filhos. Sabatelli e Waldron (1995) acrescentam ainda que o sentido de competência parental resulta de uma interpretação subjectiva elaborada pelos pais, uma vez que eles avaliam a sua competência de acordo com as expectativas que tinham para o desempenho da parentalidade. Bugental (1987, cit. in Johnston & Mash, 1989) demonstrou que o sentimento de competência parental constitui uma variável moderadora na relação entre pais e filhos, e que pais com uma percepção mais elevada de eficácia conseguem ter um melhor controlo do comportamento da criança e lidar com ela de um modo mais eficaz.

A literatura refere um conjunto de factores que influenciam o exercício da parentalidade e, conjuntamente, as percepções dos pais no que diz respeito à sua competência. Reder e Lucey (1995, cit. in Budd, 2001), por exemplo, incluem nestes, aspectos como a relação dos pais com a criança, as influências das famílias de origem, a interacção com o mundo exterior e o potencial de mudança por parte dos pais quando existem problemas. Assim, a presença de problemas de comportamento num filho, pode acarretar dificuldades acrescidas no exercício da parentalidade, traduzindo-se num decréscimo do sentido de competência e da satisfação dos pais (Reder & Lucey, 1995, cit. in Budd, 2001). Por sua vez, pais com níveis baixos de sentido de competência e de satisfação têm uma maior dificuldade em ser eficazes em termos de promoção da disciplina, agravando os problemas de comportamento da criança (Reder & Lucey, 1995, cit. in Budd, 2001). Contudo, esta relação entre pais e filhos é pautada pela multidimensionalidade e circularidade, uma vez que é difícil identificar se são os sentimentos dos pais, em relação ao exercício do seu papel, que conduzem a problemas de comportamento nos filhos se, pelo contrário, são os problemas dos filhos que levam os pais a sentirem-se incompetentes.

Por outro lado, a auto-estima dos pais é maior quando estes se sentem mais competentes, acabando por se traduzir numa maior satisfação no exercício da parentalidade (Johnston & Mash, 1989). Neste sentido, a satisfação com a parentalidade é um aspecto que se encontra fortemente associado ao conceito de competência parental. Mercer (1986, cit. in Mercer & Ferketich, 1994) refere-se à satisfação parental como a percepção de prazer e gratificação de ser pai/mãe. A este respeito, Sabatelli e Waldron (1995) acrescentam ainda que a satisfação parental pode ser usada para caracterizar a atitude dos pais em relação às responsabilidades que o exercício da parentalidade implica. Assim, a satisfação parental encontra-se relacionada não só com elevados níveis de satisfação com a vida e de satisfação conjugal e com baixos níveis de violência familiar, mas também com maior eficácia no exercício dos papéis parentais (Sabatelli & Waldron, 1995). Consequentemente, a satisfação parental é também apontada como

um aspecto importante no melhor ajustamento das crianças em famílias com pais divorciados (Henry & Peterson, 1995).

Existem vários factores que influenciam o grau de satisfação parental. Embora esta seja uma temática que não reúne consenso, Goetting (1986) refere que a satisfação parental poderá ser influenciada por variáveis como: 1) o género do progenitor (as mães são apontadas como mais satisfeitas, pelo menos no primeiro ano de vida dos seus filhos)³; 2) o género da criança (maior satisfação em pais e mães de rapazes do que de raparigas); 3) as habilitações literárias (um maior nível de escolaridade na mãe traduz-se num maior grau de satisfação); 4) o estado civil (maior satisfação em pais separados ou divorciados comparativamente aos casados)⁴; 5) estrutura familiar (elevados níveis de satisfação conjugal traduzem-se numa maior satisfação parental); 6) idade dos filhos (maior grau de satisfação em pais de filhos mais novos); 7) o número de filhos (menor satisfação em função do aumento do número de filhos); e, finalmente 8) bom ajustamento com o meio profissional (maior satisfação com a vida profissional traduz-se num aumento do grau de satisfação com a parentalidade).

O sentido de competência parental e a satisfação parental são conceitos multidimensionais, cuja avaliação pode constituir um importante contributo para a análise das relações estabelecidas entre pais/ mães e os respectivos filhos. Assim, o melhor conhecimento destes aspectos torna possível, aos profissionais, intervir no sentido de facilitar e potenciar a qualidade dessas mesmas relações.

2. Características da criança: a noção de temperamento

Embora o temperamento seja um conceito antigo é, contudo, recente a investigação empírica que tem gerado no âmbito do desenvolvimento humano. Com efeito, nas últimas décadas tem-se assistido ao recurso crescente ao conceito de temperamento na literatura relacionada com o desenvolvimento infantil.

³ Goetting (1986) realça a multidimensionalidade do conceito de satisfação parental e alerta para as limitações dos estudos desenvolvidos quanto à comparação dos níveis de satisfação entre pais e mães, pois as amostras são maioritariamente constituídas por mulheres que, tendo em conta a organização da sociedade à qual pertencem, são as principais cuidadoras nos primeiros anos de vida das crianças.

⁴ Para Goetting (1986), a existência de um divórcio ou de uma separação no seio familiar acarreta para a parentalidade um menor conjunto de elementos restritivos, ou seja, cada um dos progenitores passa a ter uma maior disponibilidade para o exercício das funções parentais (não tendo de as conjugar com a conjugalidade) e uma maior liberdade de acção, o que poderá traduzir-se na existência de um menor número de problemas associados à parentalidade. Contudo, Fine, Donnelly e Vouydanoff (1986) realizaram um estudo cujas conclusões contradizem as apontadas por Goetting (1986), uma vez que os resultados por eles encontrados revelam que pais/ mães sozinhos experienciam menor grau de satisfação quando comparados com pais/ mães casados, o que pode ser explicado pelo facto de os primeiros não terem com quem partilhar as preocupações e as tarefas do dia-a-dia, assim como o encargo económico relativo aos cuidados a prestar a um filho.

Este crescente interesse pelo estudo do temperamento conduziu, em 1985, à organização de uma mesa redonda no âmbito da reunião anual da *Society for Research in Child Development* (SRCD), a qual juntou alguns dos autores mais relevantes nesta área, com o objectivo de debater questões relacionadas com a natureza do temperamento⁵. A proposta de definição de temperamento que reuniu consenso entre os autores considera que “o temperamento consiste em disposições básicas relativamente consistentes, inerentes à pessoa, que modelam a expressão da actividade, reactividade, emocionalidade e sociabilidade. Os principais elementos do temperamento estão presentes desde uma fase muito precoce da vida e são fortemente influenciados por factores biológicos. À medida que o desenvolvimento prossegue, a expressão do temperamento torna-se progressivamente mais susceptível à influência da experiência e do contexto” (Goldsmith, et al., 1987, p. 154). Deste modo, e embora vários outros aspectos tenham suscitado discordância entre os autores, eles manifestaram acordo quanto aos seguintes pontos: o facto de o temperamento constituir o resultado de disposições básicas relativamente consistentes, intrínsecas ao ser humano e que estão na base da expressão da actividade, reactividade, emocionalidade e sociabilidade; a base biológica do temperamento; e o facto de a relação entre o temperamento e o comportamento se ir complexificando ao longo do desenvolvimento do ser humano (Goldsmith et al., 1987).

O interesse pelo conceito de temperamento foi despoletado a partir dos estudos de Thomas e Chess que, em 1956 iniciam uma investigação longitudinal, que ficou conhecida como *New York Longitudinal Study* (NYLS), e para a qual partiram do pressuposto, baseado na sua extensa prática clínica, que as crianças apresentam diferenças individuais no que diz respeito ao temperamento, e que essas diferenças, desempenham um papel fulcral no desenvolvimento, ditando, em grande parte, até que ponto ele é adaptativo ou desviante.

Para Chess e Thomas (1996) o temperamento refere-se ao “como” do comportamento e não ao seu “quê” ou ao “porquê”. Ou seja, estes autores consideram que o temperamento não é definido pelas capacidades, conteúdos e motivações do comportamento, mas pelo seu aspecto estilístico. Advogam, igualmente, que o temperamento tem origem em mecanismos

⁵ Desta mesa redonda fizeram parte os autores: H. Hill Goldsmith; Arnold Buss e Robert Plomin; Mary Rothbart; e Alexander Thomas e Stella Chess. Como resultado deste encontro foi publicado, na revista *Child Development*, o artigo com o título *Roundtable: What is temperament? Four approaches* (Goldsmith et al., 1987) onde foram sintetizadas as ideias dos vários autores participantes, nomeadamente no que respeita à definição de temperamento e às suas dimensões. Em 2009 ocorreu uma nova mesa redonda no âmbito do encontro da *Society for Research in Child Development* (SRCD), vinte e cinco anos após a realização da primeira, cujo objectivo consistiu em analisar a investigação desenvolvida sobre a temática ao longo das mais de duas décadas entretanto decorridas. Deste novo encontro não resultou, até à data, nenhuma publicação.

fisiológicos e que, provavelmente, comporta uma componente genética importante.

Chess e Thomas (1996), partindo da análise de respostas dadas por pais de crianças muito jovens a entrevistas, distinguiram nove dimensões do temperamento: nível de actividade, ritmicidade, aproximação/evitamento, adaptabilidade, limiar de resposta, intensidade de reacção, qualidade do humor, distractibilidade e nível de atenção/persistência. Com base nestas nove dimensões e recorrendo à análise factorial e à prática clínica, os autores sugerem uma tipologia do temperamento que comporta três grandes constelações – o temperamento fácil, o difícil e o de “aquecimento lento” (*slow-to-warm-up*) –, em cada uma das quais agrupam diferentes manifestações das dimensões acima referidas.

O temperamento fácil é caracterizado por apresentar regularidade, respostas de aproximação positiva a novos estímulos, elevada capacidade de adaptação à mudança e respostas moderadas, com predominância de humor positivo. As crianças com este tipo de temperamento adaptam-se facilmente a novas escolas, lidam melhor com sentimentos de frustração, desenvolvem, rapidamente, padrões de sono regulares, provam, com mais facilidade, comida nova e aceitam as regras de novos jogos sem problemas. A estas crianças é atribuída a designação de “crianças fáceis”. Este tipo de temperamento está presente em 40% da amostra do estudo NYLS (Thomas & Chess, 1996).

O temperamento difícil possui características opostas às do tipo anterior, isto é, este grupo caracteriza-se pela irregularidade nas funções biológicas, respostas negativas a novos estímulos e expressão de humor predominantemente negativa. Estas crianças apresentam padrões de sono irregulares, baixo grau de adesão a experimentar comidas novas, períodos prolongados de adaptação a novas rotinas, pessoas ou situações e, por vezes, podem passar longos períodos de tempo a chorar. As crianças que demonstram estas características foram denominadas “crianças com temperamento difícil”. Contudo os autores alertam para a necessidade de prudência no uso desta designação, uma vez que ao termo difícil é frequentemente associada uma conotação negativa, pelo que é importante salientar, igualmente, as características positivas destas crianças como, por exemplo, o facto de elas serem muito enérgicas. Este tipo está presente em 10% da amostra do NYLS (Thomas & Chess, 1996).

Por fim, o tipo de temperamento designado de “aquecimento lento” é caracterizado por reacções negativas a novos estímulos, alguma tendência para irregularidades ao nível do funcionamento biológico, adaptação lenta a novas rotinas e situações, predomínio de um humor negativo mas com uma intensidade moderada de reacções e um nível moderado da dimensão regularidade. Está representado por 15% das crianças que compõem a amostra do NYLS (Thomas & Chess, 1996).

As várias investigações realizadas até ao presente na área da estrutura do temperamento na infância conduziram os autores Rothbart e Bates (2006, cit. in Seabra-Santos, 2007) a uma reorganização das nove categorias do temperamento propostas por Thomas e Chess no NYLS. Neste contexto, os

autores propuseram quatro dimensões gerais do temperamento, nomeadamente: Aproximação / Extroversão (afecto positivo e nível de actividade); Emocionalidade Negativa Geral (inclui Angústia Receosa – *Fearful Distress* – e Angústia Irritável – *Irritable Distress*); Controlo Esforçado / Persistência na Tarefa; e Amabilidade/ Adaptabilidade. Estas dimensões apresentam similaridades com quatro dos cinco factores da personalidade (*Big Five*) respectivamente com a Extroversão, o Neuroticismo, a Conscienciosidade e a Amabilidade (MacCrae et al., 2000 cit. in Seabra-Santos, 2007) assinalando a continuidade entre os conceitos de temperamento e personalidade.

Desta forma, o temperamento corresponderia a traços de personalidade desenvolvidos precocemente enquanto as diferenças individuais no temperamento, relativas às dimensões de reactividade e de auto-regulação, por exemplo, poderão ser encaradas como uma primeira expressão da variabilidade existente nos padrões futuros da personalidade (Buss & Plomin, 1984; Wachs & Kohnstamm, 2001; todos cit. in Seabra-Santos, 2007). No contexto desta exploração das relações entre temperamento e personalidade, Rothbart e Bates (2006, cit. in Seabra-Santos, 2007) defendem que o temperamento representa o núcleo afectivo, activacional e atencional da personalidade e que esta inclui outros elementos, particularmente o conteúdo de pensamento, capacidades, hábitos, valores, mecanismos de defesa, conteúdos morais, crenças e cognição social.

Assim, após esta breve síntese sobre o conceito de temperamento, é importante realçar que as trajectórias desenvolvimentais das crianças englobam um conjunto diversificado de variáveis, relacionadas com a criança, os pais e o meio, que se relacionam e ajustam entre si em complexas relações, tal como se exporá no ponto seguinte.

3. As características dos pais, das crianças e o conceito de “bom ajustamento”

O conceito de parentalidade, realçado como algo de muito relevante na sociedade actual, congrega um conjunto de capacidades globais para educar as crianças, construído ao longo da vida a partir de experiências com os próprios pais e das expectativas criadas pelo nascimento dos filhos. Ser “bom pai/ boa mãe” tornou-se, hoje, uma obsessão em diversos contextos e motivo de preocupação para muitos progenitores (Cruz & Pinho, 2006).

Esta atenção está relacionada com o facto, amplamente comprovado pela investigação, de que o modo como os pais educam os seus filhos vai ter importantes consequências ao longo da vida deles. É neste sentido que diversos estudos procuram estabelecer a relação entre os estilos parentais e o comportamento dos filhos. Assim, Baumrind (1968, cit. in Arnold et al.1997) e Baumrind e Black (1967, cit. in Arnold et al.1997) com o objectivo de analisar o impacto dos estilos parentais no comportamento das crianças em idade pré-escolar, verificaram que, quando as mães recorrem a uma atitude muito rígida ou, pelo contrário, muito permissiva no exercício da disciplina, as crianças têm tendência a apresentar comportamentos inadequados (e.g. comportamentos agressivos). Também Oliveira e

colaboradores (2002) referem que os filhos de mães autoritárias poderão apresentar comportamentos de externalização (e.g. agressão verbal e/ou física, destruição de objectos, mentiras) ou de internalização (e.g. inibição social, depressão, ansiedade). Os estudos de Cohen e Rice (1997) com filhos de pais autoritários, acrescentam que estas são crianças que tendencialmente apresentam um desempenho escolar moderado, sem problemas de comportamento, contudo demonstram pouca habilidade social, baixa auto-estima e alto índice de depressão. Já com pais permissivos, quando se considera a subdivisão em indulgentes e negligentes, os resultados mais negativos verificam-se nos filhos de pais negligentes, em todos os domínios (sociais, psicológicos e comportamentais) (Weber, Prado, Viezzer, Brandenburg & Paraná, 2004). Por sua vez, um estilo parental democrático ou autorizado tem sido apontado como aquele que se encontra mais associado a efeitos positivos ao nível do comportamento das crianças, designadamente melhor desempenho escolar e nível mais elevado de competência psicológica, social e comportamental (Cohen & Rice, 1997; Darling & Steinberg, 1993; Baumrind, 1971).

Uma outra vertente importante da parentalidade que tem sido também investigada refere-se ao carácter transgeracional dos estilos parentais, relacionado com o facto de os filhos poderem, quando exercerem as suas funções parentais, utilizar os mesmos estilos parentais dos seus próprios pais (Oliveira et al. 2002).

Reciprocamente, o temperamento das crianças, ou seja a forma como elas expressam os seus comportamentos levando os pais a percepcioná-las como crianças fáceis ou difíceis, pode influenciar as atitudes e comportamentos dos seus pais. Contrariamente às teorias vigentes no início da década de 50 do século passado, que tendiam a explicar a existência de problemas na criança através da verificação de problemas ou patologia na sua mãe, Thomas e Chess (1996) defendem que as interações entre pais e filhos não devem ser analisadas apenas na perspectiva das influências parentais nas crianças mas, igualmente, pelos efeitos das características individuais da criança nos seus pais. Assim, o funcionamento parental é fortemente determinado pelas características das próprias crianças.

Neste contexto foi demonstrado, por exemplo, que pais de crianças temperamentalmente difíceis sentem que devem protegê-las de determinadas situações, sendo que, quando as crianças reagem negativamente a novos estímulos ou pessoas, alguns pais começam a protegê-las de tudo o que seja novidade (Kristal, 2005). Numa pesquisa com mães de crianças com níveis elevados de reactividade, Arcus (2001, cit. in Kristal, 2005) mostrou que as mães que protegem os seus filhos do mínimo estímulo stressante e que impõem poucos limites, transformam os seus filhos em crianças mais inibidas. Este comportamento por parte dos pais poderá ainda contribuir para que os seus filhos apresentem níveis mais elevados de submissão e dependência e dificuldades ao nível da criação de estratégias de *coping* (Rubin, Burgess, & Hastings, 2002; Rubin, Hastings, Stewart, Henderson, & Chen, 1997; todos cit. in Kristal, 2005). Contrariamente, as mães que impõem limites firmes ajudam os seus filhos a tornar-se menos inibidos.

Ainda no contexto da associação entre características temperamentais e estilos parentais, Kristal (2005) refere que crianças que apresentem uma persistência negativa e uma adaptação lenta demonstram maiores dificuldades perante pais permissivos ou autoritários. Com pais permissivos em que os limites estão pouco definidos, estas crianças regulam as suas próprias actividades procurando controlar o agregado familiar. Por outro lado, estas crianças resistem ao controlo excessivo imposto pelos pais autoritários, tornando-se cada vez menos colaborantes, o que poderá traduzir-se em lutas pelo poder e em castigos muito severos.

Retomando as ideias de Thomas e Chess (1996) de acordo com as quais o temperamento representa o aspecto estilístico do comportamento ou, na formulação de Rothbart (Goldsmith et al., 1987), predisposições individuais para reacções particulares, várias investigações têm procurado esclarecer esta relação entre determinadas características de temperamento e certos padrões comportamentais da criança, nomeadamente os patológicos. Também nesta relação as variáveis ligadas à parentalidade desempenham um papel fundamental.

Algumas dimensões do temperamento mostraram-se mais relevantes para o aparecimento de problemas de comportamento, nomeadamente a emocionalidade negativa, baixa auto-regulação e timidez (Mathiesen & Sanson, 2000; Prior, Smart, Sanson, & Oberklaid, 2001; Schmitz, Fulker, Emde, & Zahn-Waxler, 2001; todos cit. in Mathiesen & Prior, 2006). Esta ligação é posta em evidência, por exemplo, num estudo longitudinal realizado por Earls e Jung (1987, cit. in Strelau, 1998), onde concluíram que características temperamentais, tais como elevados níveis de actividade, baixa adaptabilidade e humor negativo, avaliadas em crianças com dois anos, estavam fortemente associadas a problemas de comportamento aos três anos.

Mathiesen e Prior (2006) acrescentam, ainda, que a emocionalidade negativa poderá constituir um factor de risco para o conflito e a rejeição. Também Wachs e Kohnstamm (2001) sublinham que a emocionalidade negativa de uma criança, associada à resistência ao controlo, poderá contribuir para um elevado caos familiar, declínio das relações conjugais e um baixo apoio social e emocional por parte dos elementos exteriores à família.

Pelo contrário, outros autores (Puttman, Sansan & Rothbart 2002) alertam para a face resiliente que o temperamento pode assumir, uma vez que, na presença de vulnerabilidades ao nível sociocultural ou da parentalidade, através dos seus comportamentos, como por exemplo um choro mais intenso ou uma postura mais agitada, as crianças podem “chamar a atenção” dos cuidadores, para que as ajudem a proteger-se de situações adversas a que possam estar expostas. Também, Lengua, Wolchik, Sandler e West (2000, cit. in Puttman, Sansan & Rothbart, 2002) defendem que algumas características temperamentais, como é o caso de elevados níveis de emocionalidade positiva e baixos níveis de impulsividade e emocionalidade negativa, poderão propiciar um maior ajustamento da criança a situações de divórcio. Mathiesen e Prior (2006) acrescentam que características positivas

do temperamento, como a sociabilidade, podem, também, desempenhar uma função protectora, ajudando a criança a estabelecer e a manter relações de suporte com outros significativos. Assim, os autores reforçam a ideia de que o temperamento poderá funcionar como factor de risco ou de protecção, dependendo da forma como ele é conceptualizado e das circunstâncias em que as características temperamentais emergem.

Ao nível da relação das crianças com os outros significativos, Rothbart (1994, cit. in Wachs & Kohnstamm, 2001) coloca a hipótese de que as crianças mais destemidas poderão ser mais cativantes em comparação com as crianças mais medrosas, uma vez que estas últimas têm tendência para perceber todos os estímulos, mesmo os mais neutros, como situações ameaçadoras.

Adicionalmente, Buss e Plomin (1984, cit. in Wachs & Kohnstamm, 2001) defendem que crianças com características temperamentais mais extremas têm uma maior influência sobre o seu contexto, enquanto crianças com características temperamentais mais moderadas poderão ser mais influenciadas por esse contexto.

Os resultados das pesquisas que põem em destaque as relações entre temperamento e comportamento chamam a atenção para a complexidade que esta relação envolve. Assim, McDevitt (1994) reforça que o desenvolvimento não é totalmente determinado pelas características temperamentais, sendo o resultado do dinamismo relacional entre os pais e as crianças e entre estas e o meio que a rodeia. O autor vai ainda mais longe, acrescentando que o conjunto diversificado de experiências que ocorrem antes do nascimento também tem o seu contributo no desenvolvimento psicossocial da criança.

É neste contexto que a parentalidade tem sido considerada como um forte preditor de problemas de externalização e de inibição, em crianças que apresentavam elevada negatividade (Belsky, Hsieh, & Crnic, 1998). Num outro estudo (Miller-Lewis et al., 2006), demonstra-se que o desencadear de problemas comportamentais externalizantes, em crianças com idade pré-escolar, está relacionado com o forte impacto de níveis elevados de determinadas características temperamentais, nomeadamente a inflexibilidade e a persistência, e das influências destas características no comportamento dos pais, tornando-os, por exemplo, menos pacientes com os filhos em determinadas situações.

Num outro estudo realizado com crianças entre os 4 e os 7 anos, Halverson e Deal (2001) concluíram que a dimensão do temperamento “persistência” pode ser afectada por variáveis como a parentalidade, a conjugalidade e os contextos familiares. Os autores acrescentam, ainda, que o funcionamento familiar e a competência parental poderão influenciar outras dimensões do temperamento, tais como, a adaptabilidade e a inibição social.

Em suma, é possível identificar influências mútuas entre as características parentais e as características das crianças, que poderão traduzir-se em comportamentos ajustados ou desajustados, quer por parte dos pais, quer por parte dos filhos. Assim, a reciprocidade é um aspecto

fundamental na análise da interação entre crianças e pais (Thomas, Chess, & Birch, 1968, cit. in Chess & Thomas, 1996).

É neste contexto que Thomas e Chess (1996) propõem o conceito de bom ajustamento (*goodness of fit*), o qual vem desempenhar um papel central na teoria e investigação na área do temperamento. Diz-se que existe um bom ajustamento quando se verifica uma harmonia entre as capacidades, motivações, estilo comportamental do indivíduo, e as características, exigências e expectativas do meio em que está inserido. Este encaixe entre as características do organismo e as do meio potencia o bom desenvolvimento da criança. Contrariamente, a existência de uma dissonância entre as características e capacidades do organismo e as características e oportunidades oferecidas pelo meio conduz a um ajustamento pobre (*poorness of fit*) podendo originar um funcionamento mal adaptativo e comportamentos disruptivos (Chess & Thomas, 1996). Na interpretação destes conceitos, os autores alertam para a necessidade de tomar em consideração o contexto cultural do indivíduo, uma vez que grupos socioculturais com valores e características diferentes poderão valorizar formas diferenciadas de interação entre adultos e crianças. Desta forma, um comportamento que numa cultura poderá provocar um mau ajustamento, noutra, com valores e ideias diferentes, poderá ser algo desencadeador do bom ajustamento entre pais e filhos (Chess & Thomas, 1996).

O conceito de bom ajustamento e respectiva influência nas relações estabelecidas entre as crianças e os adultos com quem contactam frequentemente (pais, professores, educadores, cuidadores) tem-se revelado importante no estudo do desenvolvimento infantil. Neste sentido, Chess e Thomas (1996) sublinham que é a combinação de certos factores ambientais (expectativas e exigências sociais) com diversas características da criança (como por exemplo o temperamento) que pode traduzir-se, quer num desenvolvimento normal, quer num desenvolvimento desajustado.

Desta forma, a aplicabilidade do conceito de bom ajustamento pode estender-se às mais diversas áreas da vida da criança. Por exemplo, na escola o “bom ajustamento” entre a criança e a turma e entre a criança e o professor é propício a um maior sucesso escolar (Caspi & Silva, 1995; Hegvik, 1989; Keogh, 1989, 2003; Pullis, 1989; Rothbart & Jones, 1998; todos cit. in Kristal, 2005). Em resumo, as crianças poderão reagir de formas diferentes em ambientes semelhantes e a resposta que os adultos dão a essas reacções pode contribuir para o estabelecimento de um bom ou de um mau ajustamento. Por conseguinte, cabe aos adultos que fazem parte do meio relacional das crianças e que conhecem as suas características temperamentais comportarem-se e adaptarem as condições do meio no sentido de potenciar um bom ajustamento (Kristal, 2005). Neste sentido, o conhecimento das características temperamentais da criança torna possível a introdução de mudanças que se podem traduzir em benefícios, quer para as crianças, quer para os adultos.

Assim, é importante assumir que as relações entre pais e filhos são complexas e dinâmicas, o que implica uma análise baseada na reciprocidade de influências que marca a interação entre eles. Este aspecto da

circularidade que marca a relação entre pais e filhos justifica o desenvolvimento de estudos que cruzem variáveis parentais com variáveis individuais da criança, para melhor compreender a interligação entre as mesmas.

II - Objectivos e Hipóteses

O objectivo principal desta investigação consiste em analisar a percepção dos pais acerca do temperamento dos filhos e avaliar a relação entre estas características e os estilos parentais e o sentido de competência no exercício da parentalidade.

Um outro objectivo prende-se com a exploração das relações entre os estilos parentais e o sentido de competência parental.

Este estudo procurará, igualmente, contribuir para a validação para a população portuguesa do questionário Bateria de Avaliação do Temperamento Infantil Revista (TABC-R; Martin & Bridger, 1999).

Tendo em conta estes objectivos e na sequência da revisão da literatura acerca destas temáticas, foram estabelecidas as seguintes hipóteses:

H1: As características do temperamento das crianças estão relacionadas com o estilo parental adoptado pelos pais (Harris, 1998, cit. in Kristal, 2005; Miller-Lewis, Baghurst, Sawyer, Prior, Clark, Arney, & Carbone, 2006; Arnold, O’Leary, Wolff, & Acker, 1993; Paulussen-Hogeboom, Stams, Hermanns, Peetsma & Wittenberg, 2008), nomeadamente:

H1.1: Uma maior impulsividade das crianças está relacionada com um maior uso de estratégias parentais inadequadas (Martin & Bridger, 1999).

H2: As características do temperamento das crianças estão relacionadas com o sentido de competência parental (Kristal, 2005; Mathiesen & Prior, 2006; Haverson e Deal, 2001).

H3: Os estilos parentais estão relacionados com o sentido de competência parental.

H3.1: O uso de estratégias parentais inadequadas está relacionado com uma menor satisfação parental (Arnold, O’Leary, Wolff, & Acker, 1993; Hynan, 2006; Bor & Sanders, 2004).

H3.2: O uso de estratégias parentais inadequadas está relacionado com um menor sentido de eficácia parental (Arnold, O’Leary, Wolff, & Acker, 1993; Hynan, 2006; Bor & Sanders, 2004).

III – Metodologia

1. Amostra

1.1. Caracterização da amostra

O presente estudo assenta numa amostra de crianças pré-escolares (3 a 6 anos), da população em geral, e respectivos pais e educadores. As características demográficas da amostra utilizada encontram-se representadas no Quadro 1. Tal como se pode observar, das 124 crianças que compõem a amostra, 57 (45%) são do género feminino e 67 (55%) do género masculino. As idades das crianças estão compreendidas entre os 3 e os 6 anos ($M= 4.33$; $dp=.831$), estando presentes 22 (18%) crianças com 3 anos, 46 (37%) com 4 anos, 49 (40%) com 5 anos e 7 (6%) crianças com 6 anos. Dado o número reduzido de crianças com 6 anos, optámos por agrupá-las com as de 5 anos, nas análises realizadas. Quanto ao tipo de estabelecimento de ensino frequentado, possuímos informação relativa a 121 (98%) crianças, sendo que 56 (45%) frequentavam a educação pré-escolar no ensino público, 62 (50%) no ensino privado, e 3 (2%) não frequentavam o jardim-de-infância.

Para caracterizar o nível socioeconómico foi tida em conta a classificação de Almeida (1988)⁶ que considera três níveis (Baixo, Médio e Elevado), tomando-se como referência para esta classificação o progenitor (pai ou mãe) com melhor situação socioeconómica. Assim verificou-se que 44 (36%) das crianças da amostra pertencem ao nível socioeconómico baixo, 43 (35%) pertencem ao nível socioeconómico médio e 32 (26%) pertencem ao nível socioeconómico elevado. Em apenas 5 casos (4%) não dispomos de dados necessários à caracterização desta variável.

Relativamente à escolaridade da mãe, apenas 2 (1%) completaram somente o 1º ciclo, 17 (14%) completaram o 2º ciclo, 21 (17%) o 3º ciclo, 30 (24%) o ensino secundário e 49 (40%) possuem habilitações superiores aos

⁶ Os níveis socioeconómicos considerados na classificação de Almeida (1988) são os seguintes:

Nível socioeconómico baixo: trabalhadores assalariados, por conta de outrem, trabalhadores não especializados da indústria e da construção civil, empregados de balcão no pequeno comércio, contínuos, cozinheiros, empregados de mesa; empregadas de limpeza, pescadores, rendeiros, trabalhadores agrícolas, vendedores ambulantes, trabalhadores especializados da indústria (mecânicos, electricistas), motoristas; até ao 8º ano de escolaridade obrigatória.

Nível socioeconómico médio: profissionais técnicos intermédios independentes, pescadores proprietários de embarcações; empregados de escritório, de seguros e bancários; agentes de segurança, contabilistas; enfermeiros, assistentes sociais; professores do ensino primário e secundário; comerciantes e industriais; do 9º ao 12º ano de escolaridade; cursos médios e superiores.

Nível socioeconómico elevado: grandes proprietários e empresários agrícolas, do comércio e da indústria; quadros superiores da administração pública, do comércio, da indústria e de serviços, profissões liberais (gestores, médicos, magistrados, arquitectos, engenheiros, economistas, professores do ensino superior); artistas, oficiais superiores das forças militares e militarizadas; pilotos de aviação; do 4º ano de escolaridade (de modo a incluir grandes proprietários e empresários) à licenciatura (mestrado ou doutoramento).

ensino secundário. Das 106 mães que preencheram os questionários apenas de 5 (4%) não possuímos indicação relativa ao seu nível de ensino. No que diz respeito à escolaridade do pai podemos observar que 6 (5%) completaram somente o 1º ciclo, 22 (18%) o 2º ciclo, 26 (21%) o 3º ciclo, 24 (19%) o ensino secundário e 42 (34%) adquiriram habilitações correspondentes ao ensino superior. Deste grupo apenas de 4 (3%) não possuímos indicação relativa ao grau de escolaridade.

A pessoa que preencheu os diferentes questionários foi, na grande maioria dos casos, a mãe, que respondeu em 105 casos (85%), enquanto em 17 casos (14%) os instrumentos foram respondidos pelo pai, e em 2 casos (2%) foram respondidos por outro familiar.

Quadro 1: Caracterização sociodemográfica da amostra

Variáveis sociodemográficas	Frequência (N)	Porcentagem (%)
Género		
Masculino	67	54
Feminino	57	46
Idade		
3anos	22	18
4anos	46	37
5anos	49	40
6anos	7	6
M=4.33d.p.=0.83		
Tipo de instituição escolar frequentada		
Ensino Público	56	45
Ensino Privado	62	50
Nenhuma	3	2
NSE		
Alto	32	26
Médio	43	35
Baixo	44	36
Escolaridade Mãe		
1º Ciclo	2	2
2º Ciclo	17	14
3º Ciclo	21	17
Ensino Secundário	30	24
Ensino Superior	49	40
Escolaridade Pai		
1º Ciclo	6	5
2º Ciclo	22	18
3º Ciclo	26	21
Ensino Secundário	24	19
Ensino Superior	42	34
Preenchimento		
Pai	17	14
Mãe	105	85
Outro	2	2

1.2. Instrumentos

1.2.1. Bateria de Avaliação do Temperamento Infantil Revista

A *Bateria de Avaliação do Temperamento Infantil Revista* (TABCR) foi o instrumento utilizado para avaliar o temperamento das crianças. Trata-se de um inventário com duas versões, uma para pais, constituída por 37 itens, e outra para professores/ educadores, com 29 itens. Destina-se a ser respondido por adultos cuidadores de crianças com idades compreendidas entre os 2 e os 7 anos. A cotação dos itens é realizada com base numa escala tipo *Likert* de 7 pontos, em que 1 representa o “quase nunca” e 7 “quase

sempre”. Esta bateria, desenvolvida por Martin e Bridger (1999, tradução portuguesa de Seabra-Santos, s.d.), assenta numa concepção do temperamento que contempla duas dimensões, a Inibição e a Impulsividade. O resultado da escala Impulsividade corresponde ao somatório das pontuações obtidas em três subescalas, designadamente, Emotividade Negativa, Nível de Actividade e Falta de Persistência. A versão americana do questionário permite a identificação de seis tipos de temperamento na versão pais e sete tipos na versão educadores/ professores, correspondentes a constelações de características temperamentais específicas.

Na sua edição original americana a TABC-R apresenta níveis aceitáveis de precisão (.71 a .90 para a consistência interna e de .53 a .76 para a estabilidade temporal). Estudos preliminares realizados em Portugal (Almeida & Seabra-Santos, no prelo) confirmam que, do ponto de vista psicométrico, a versão portuguesa apresenta características idênticas à da sua congénere americana. Este instrumento ainda não possui normas para a população portuguesa. Porém, o estudo realizado por Almeida (2007) com crianças portuguesas sugere que os resultados obtidos nas dimensões e subdimensões avaliadas pela TABC-R são muito semelhantes aos encontrados na população americana.

1.2.2. Questionário de Estilos Parentais

O *Questionário de Estilos Parentais* (Versão original de O’Leary, Arnold, Wolff & Acker, 1993; tradução portuguesa de Gaspar, 2007) é constituído por 30 itens que avaliam a utilização de estratégias disciplinares disfuncionais por parte dos pais. Os pais expressam a sua tendência para usar estratégias disciplinares específicas através de uma escala tipo Likert de 7 pontos. A análise factorial permitiu a identificação de três factores: Sobre-Reactividade (*Overreactivity*) Laxismo (*Laxness*) e Verbosidade (*Verbosity*).

O factor Laxismo, avaliado através de 11 itens, é caracterizado por estratégias mais permissivas, onde os pais assumem uma posição mais desinteressada em relação a alguns comportamentos dos filhos, revelando pouca coerência na imposição de regras e reforçando positivamente o mau comportamento dos filhos. No que respeita ao factor Sobre-Reactividade, este é avaliado com 10 itens que ilustram sentimentos como a raiva e a irritabilidade, emergentes na sequência de maus comportamentos por parte dos filhos. Por fim, o factor Verbosidade, avaliado através de 7 itens, demonstra uma forma dos pais agirem que se enquadra no uso prolongado de estratégias verbais, mesmo quando o recurso a essas estratégias se revela ineficaz (Arnold & O’Leary, 1997; Arnold et al., 1993).

Esta escala foi originalmente construída para avaliar os estilos parentais de pais de crianças em idade pré-escolar e os estudos revelam boas qualidades psicométricas, nomeadamente consistência interna (.63 a .83 para os factores e .84 para o total) e estabilidade temporal (.79 a .83 para os factores e .84 para o total) (Arnold, O’Leary, Wolff & Acker, 1993). Contudo, ainda não existem dados normativos para a população portuguesa.

1.2.3. Escala de Sentido de Competência Parental

A avaliação do sentido de competência parental foi realizada com a aplicação da Escala de Sentido de Competência Parental (*Parenting Sense of Competence Scale*, Johnston & Mash, 1989; tradução portuguesa de Seabra-Santos & Pimental, 2007). É um questionário de auto-resposta constituído por 17 itens em que os pais respondem tendo por base uma escala do tipo *Likert* de 6 pontos. Estes itens são agrupados em duas subescalas distintas resultantes de um estudo de análise factorial realizado por Johnston e Mash (1989): subescala de Eficácia que avalia o sentimento de competência relativamente ao papel parental; e subescala Satisfação que avalia a satisfação dos pais na tarefa de ser pais. Mais recentemente foi realizado um estudo por Ohan, Leung e Johnston (2000) com o objectivo de rever a estrutura factorial do instrumento e analisar a sua validade. Os resultados obtidos neste estudo estão de acordo com os resultados obtidos no estudo inicial de Johnston e Mash (1989).

Este instrumento foi utilizado em Portugal num estudo realizado por Pimentel (2008), no qual foram comparados, quanto ao seu sentido de competência parental, pais de crianças da população em geral com pais de crianças com o diagnóstico de Hiperactividade/ Défice de Atenção.

1.3. Selecção da amostra e procedimentos de recolha e tratamento dos dados

Tendo em vista os objectivos da presente investigação foram entregues os três questionários de preenchimento individual a pais de crianças em idade pré-escolar e a TABC-R a algumas das educadoras.

A recolha de dados decorreu em diferentes locais, nomeadamente num centro de saúde de Coimbra, em três instituições de ensino pré-escolar (duas do ensino privado e uma do ensino público) e em residências particulares da região norte e centro do país. No centro de saúde as avaliações foram precedidas de um pedido de autorização ao respectivo Director e as crianças foram seleccionadas a partir de consultas de saúde familiar, saúde materno-infantil e vacinação, com o requisito específico de não apresentarem problemas ao nível do comportamento ou desenvolvimento (critério de exclusão). Nas instituições de ensino pré-escolar a recolha foi precedida de um pedido de autorização aos Directores das respectivas instituições. Em duas destas escolas os questionários foram entregues directamente aos pais, enquanto na terceira esta entrega foi feita indirectamente, através das educadoras, em envelopes fechados, com a explicação dos objectivos da investigação descritos numa carta dirigida aos pais (cf. Anexo 1). A recolha dos dados decorreu entre os meses de Outubro de 2009 e Abril de 2010.

Os questionários foram administrados de forma individual, maioritariamente à mãe ou ao pai das crianças, tendo-lhes sido explicado, sucintamente, os objectivos da investigação e o carácter confidencial dos dados fornecidos. Juntamente com os três questionários referidos anteriormente, foi preenchida uma folha com algumas questões relativas a dados sociodemográficos, com vista à posterior caracterização da amostra.

IV – Resultados

A análise estatística dos dados foi realizada através da versão 17.0 para Windows do programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS).

Os resultados encontram-se organizados em quatro partes. Numa primeira parte são expostas as análises que dizem respeito à Bateria de Avaliação do Temperamento – Forma Revista. Esta primeira parte está subdividida em dois tópicos: um primeiro referente aos dados preliminares para a amostra total e segundo o género, a idade e o nível socioeconómico, e um segundo tópico respeitante aos estudos de precisão. Na segunda e terceira partes são apresentadas estatísticas descritivas e resultados relativos à precisão do Questionário de Estilos Parentais de Arnold e O’Leary e do Questionário de Sentido de Competência Parental, respectivamente. Por fim, numa quarta parte é realizado um estudo correlacional entre os três instrumentos aplicados no âmbito deste estudo.

1. Bateria de avaliação do temperamento infantil revista

1.1. Dados normativos preliminares e análises de diferenças em função de características demográficas

No quadro número 2 são apresentados os dados normativos preliminares para cada dimensão da TABC-R, para a amostra total e em função do género, da idade e do nível socioeconómico. São também apresentadas as comparações entre médias em função das categorias das mesmas variáveis.

Para verificar se existiam diferenças estatisticamente significativas entre as médias de rapazes e raparigas relativamente aos dados obtidos no questionário TABC-R foi realizado o teste *t* de Student para amostras independentes. Os resultados *t* revelam que não existem diferenças estatisticamente significativas entre as médias de rapazes e raparigas em nenhuma das dimensões constituintes do instrumento. Por sua vez, para comparar as médias das idades e do nível socioeconómico das diferentes dimensões foi utilizado o teste ANOVA para amostras independentes. A sua utilização revela existirem diferenças estatisticamente significativas entre as categorias dos níveis socioeconómicos para a dimensão Impulsividade ($F(2, 97)=4.39, p=.015$) e para a sub-dimensão da Impulsividade Emocionalidade Negativa ($F(2, 98)=4.43, p=.015$). Seguidamente, para verificar onde se situam as diferenças foram realizadas análises post-hoc através do teste de Bonferroni, mostrando que as diferenças em função do nível socioeconómico se explicam por diferenças entre o nível baixo e o elevado, sendo que os pais de nível socioeconómico baixo atribuem aos seus filhos valores mais altos de Impulsividade ($M=100,12; dp=18,02$) comparativamente com pais de nível elevado ($M=88,71; dp=14,18$) e também os classificam com níveis mais altos de Emocionalidade Negativa ($M=28,91; dp=6,78$) por comparação com os pais de nível elevado ($M=23,96; dp=6,94$).

Quadro 2. Dados normativos preliminares da TABC-R (resultados brutos)

	N	M	dp	Mínimo	Máximo	t/F
INIBIÇÃO	100	26.60	7.91	12	53	
Raparigas	50	26.54	8.22	12	53	-.075
Rapazes	50	26.66	7.68	12	46	
3 anos	18	28.39	11.03	12	53	
4 anos	40	25.98	8.46	12	46	.590
5 + 6 anos	42	26.43	5.55	16	39	
NSE Baixo	43	25.88	6.55	12	39	
NSE Médio	30	26.10	7.38	12	45	.509
NSE Elevado	24	27.83	10.36	12	53	
IMPULSIVIDADE	100	94.77	16.97	55	139	
Raparigas	49	92.61	18.17	13	41	.058
Rapazes	51	97.43	14.56	15	51	
3 anos	18	98.89	15.51	74	128	
4 anos	39	96.95	16.81	70	139	1.61
5+6 anos	43	91.77	16.42	56	132	
NSE Baixo	43	100.12	10.02	70	9	
NSE Médio	30	92.27	14.52	65	12	4.43*
NSE Elevado	24	88.71	14.18	56	128	
Emoc. Negativa	101	27.32	7.09	13	51	
Raparigas	50	27.33	7.36	13	41	.481
Rapazes	51	27.54	6.93	15	51	
3 anos	18	29.22	8.05	15	42	1.74
4 anos	40	28.00	7.10	15	51	
5+6 anos	43	25.88	6.55	13	38	
NSE Baixo	4	28.91	6.78	19	51	
NSE Médio	30	28.10	6.78	15	42	4.39*
NSE Elevado	25	23.96	6.94	13	38	
Nível de Actividade	101	21.62	5.17	8	34	
Raparigas	50	21.10	5.67	10	15	.495
Rapazes	51	21.92	5.10	8	34	
3 anos	18	21.72	5.72	13	32	
4 anos	40	21.95	5.68	8	35	.416
5+6 anos	43	20.91	4.91	10	35	
NSE Baixo	43	22.28	6.26	13	35	
NSE Médio	30	20.83	5.17	8	32	.884
NSE Elevado	25	20.80	3.81	13	27	
Falta de Persistência	101	17.19	4.53	8	27	
Raparigas	50	17.14	4.77	10	27	.569
Rapazes	51	17.24	4.33	8	25	
3 anos	18	18.78	5.09	8	27	
4 anos	40	17.35	4.48	10	26	1.86
5+6 anos	43	16.37	4.25	8	26	
NSE Baixo	43	17.81	4.60	10	27	
NSE Médio	30	16.50	4.51	8	26	.981
NSE Elevado	25	16.56	4.37	10	25	

*p<.05

Partindo destes resultados brutos e com o objectivo de comparar os nossos dados com os resultados obtidos no estudo com a população

americana, foram calculados resultados T (média igual a 50, desvio-padrão igual a 10), utilizando as tabelas normativas daquela população (cf. Anexo 2). Analisando os valores obtidos verificamos que as médias da amostra portuguesa são próximas de 50 e os desvios-padrão ligeiramente inferiores a 10. Desta forma, podemos inferir que, em termos médios, a nossa amostra apresenta características de temperamento, tal como são avaliadas pelos pais através da TABC-R, idênticas à da amostra americana, sendo a variabilidade da nossa amostra menor, em comparação com a americana.

1.2 Estudos relativos à precisão

1.2.1 Consistência interna

No estudo com a TABC-R, a sua precisão foi avaliada com base em dois aspectos: a sua consistência interna, através do Coeficiente Alfa de Cronbach, e o acordo entre avaliadores.

Relativamente à análise da consistência interna calculou-se o coeficiente alfa de Cronbach para as duas dimensões que compõem este instrumento, Inibição e Impulsividade, e para as subescalas da Impulsividade, Emocionalidade Negativa, Nível de Actividade e Falta de Persistência. Os resultados desta análise apresentam-se no Quadro 3.

Quadro 3. Consistência interna da TABC-R

	N itens	Alfa de Cronbach
INIBIÇÃO	8	.756
IMPULSIVIDADE	29	.789
Emocionalidade Negativa	8	.761
Nível de Actividade	6	.455
Falta de Persistência	5	.619

A análise do quadro anterior permite verificar que, relativamente às duas dimensões, a Inibição e a Impulsividade, foram encontrados valores considerados respeitáveis (DeVellis, 1991). Contudo, o valor da consistência interna da dimensão Inibição é ligeiramente inferior ao da dimensão Impulsividade. Relativamente às subdimensões da Impulsividade, os valores de consistência interna são mais baixos, estando este aspecto relacionado com o facto de estas subescalas serem constituídas por uma menor número de itens. A subdimensão Nível de Actividade destaca-se com um valor de alfa de Cronbach baixo, igual a .455, considerado por DeVellis (1991) inaceitável.

Foi, igualmente, estudado o comportamento psicométrico dos itens, designadamente as correlações item-total corrigido, indicador do respectivo poder discriminativo, e os valores de alfas de Cronbach retirado o item Os resultados destes estudos são apresentados nos Quadros 4 a 9, respectivamente para a dimensão Inibição, Impulsividade e cada uma das subdimensões desta última.

Quadro 4. Poder discriminativo dos itens da Escala Inibição (n=100)

	M	dp	Correlação item- total corrigido	Alfa de Cronbach retirado o item
Item 1	4.17	1.78	.549	.711
Item 6	3.41	1.60	.472	.727
Item 10	2.67	1.58	.323	.753
Item 17	3.53	1.73	.506	.720
Item 21	2.70	1.53	.371	.745
Item 25	3.26	1.73	.421	.737
Item 28	3.56	1.53	.495	.723
Item 36	3.30	1.52	.485	.725

No Quadro 4, relativo à Inibição, é possível verificar que as correlações item-total corrigidas possuem valores entre .323 e .549, parecendo sugerir um bom poder discriminativo dos itens. Os alfas de Cronbach retirado o item são todos eles ligeiramente inferiores ao alfa de Cronbach calculado com todos os itens, o que significa que todos eles contribuem de forma positiva para a consistência interna da escala inibição.

Quadro 5. Poder discriminativo da Escala Impulsividade (n=99)

	M	dp	Correlação item- total corrigido	Alfa de Cronbach retirado o item
Item 2	3.33	1.58	.309	.782
Item 3	3.88	1.84	.227	.787
Item 4	4.86	1.50	.173	.788
Item 5	4.82	1.58	.162	.789
Item 7	4.72	1.85	.244	.786
Item 8	3.17	1.57	.317	.782
Item 9	2.31	1.43	.367	.780
Item 11	2.42	1.48	.328	.781
Item 12	3.20	1.41	.316	.782
Item 13	3.51	1.37	.152	.789
Item 14	3.13	1.66	.186	.788
Item 15	2.81	1.82	.410	.777
Item 16	2.54	1.62	.301	.783
Item 18	4.51	1.39	.233	.786
Item 19	2.52	1.34	.412	.778
Item 20	3.63	1.56	.344	.781
Item 22	2.86	1.62	.266	.787
Item 23	3.37	1.52	.208	.787
Item 24	3.24	1.81	.475	.773
Item 26	3.83	1.50	.381	.779
Item 27	3.03	1.43	.433	.777
Item 29	3.27	1.44	.156	.789
Item 30	2.62	1.35	.284	.783
Item 31	2.38	1.32	.198	.787
Item 32	3.08	1.38	.464	.776
Item 33	2.69	1.67	.259	.785
Item 34	3.10	1.72	.189	.788
Item 35	3.42	1.34	.537	.773
Item 37	2.51	1.28	.476	.776

Na dimensão Impulsividade (Quadro 5) existem itens com correlações inferiores a .30 e mesmo a .20, o que revela um baixo poder discriminativo destes itens em relação à dimensão que a escala avalia como um todo. Contudo, verifica-se que a retirada de nenhum destes itens contribuiria para o aumento da consistência interna da escala.

Quadro 6. Poder discriminativo dos itens da subescala Emocionalidade Negativa (n=101)

	M	dp	Correlação item- total corrigido	Alfa de Cronbach retirado o item
Item 1	4.85	1.50	.260	.772
Item 6	3.19	1.40	.530	.724
Item 10	3.63	1.55	.487	.731
Item 17	2.85	1.62	.429	.743
Item 21	3.82	1.49	.499	.729
Item 25	3.07	1.37	.644	.704
Item 28	3.41	1.34	.486	.732
Item 36	3.50	1.29	.370	.751

As correlações item-total corrigidas relativas à subdimensão Emocionalidade Negativa da Impulsividade (Quadro 6) apresentam, excepto para o item 1, valores compreendidos entre .370 e .644, valores estes indicadores de um bom poder de discriminação dos vários itens. O alfa de Cronbach quando retirado cada item possui valores inferiores ao da subescala (quando são incluídos todos os itens), excepto quando é retirado o primeiro item. Este facto traduz o impacto negativo que este item tem ao nível da consistência interna do conjunto da subescala.

Quadro 7. Poder discriminativo dos itens da subescala Nível de Actividade (n=101)

	M	dp	Correlação item- total corrigido	Alfa de Cronbach retirado o item
Item 5	4.81	1.57	.233	.406
Item 7	4.71	1.85	.248	.396
Item 14	3.13	1.65	.222	.412
Item 24	3.24	1.80	.250	.395
Item 30	2.62	1.34	.156	.444
Item 34	3.11	1.71	.234	.405

Para a subdimensão Nível de Actividade da Impulsividade os itens apresentam um poder discriminativa baixo, situando-se as correlações item-total corrigido entre .156 e .250 (Quadro 7). Contudo, a análise dos valores de alfa se retirado cada item permite concluir que todos eles contribuem de uma forma positiva para o valor total do alfa de Cronbach apresentado pela subdimensão.

Quadro 8. Poder discriminativo dos itens da subescala Falta de Persistência (n=101)

	M	dp	Correlação item-total corrigido	Alfa de Cronbach retirado o item
Item 2	3.36	1.58	.472	.508
Item 13	3.51	1.37	.262	.617
Item 18	4.50	1.38	.290	.605
Item 23	3.37	1.51	.458	.518
Item 31	2.37	1.33	.387	.559

Tal como se pode observar no Quadro 8, em relação ao poder discriminativo dos itens a subdimensão Nível de Persistência apresenta valores compreendidos entre .290 e .475, indicativos de um bom poder discriminativo. Por seu lado, os valores de alfa de Cronbach uma vez retirado cada item são ligeiramente abaixo do valor de alfa para a escala, incluindo todos os itens, o que significa que todos eles contribuem de forma positiva para a consistência interna da escala.

1.2.2 Acordo entre avaliadores

Ainda no âmbito dos estudos de precisão da TABC-R, situa-se a análise do acordo entre avaliadores, em que são comparadas as classificações atribuídas pelos pais com as atribuídas pelas educadoras de infância das crianças (Quadro 9).

Quadro 9. Correlações entre as classificações atribuídas na TABC-R pelos pais e pelas educadoras (n=34).

	Pais/Educadoras
INIBIÇÃO	.156
IMPULSIVIDADE	.475**
Emocionalidade Negativa	.266
Nível de Actividade	.276
Falta de Persistência	.246

** $p < .01$

Ao analisarmos estes resultados é possível verificar que as correlações apresentam valores baixos e não significativos, excepto para a dimensão Impulsividade que apresenta um valor estatisticamente significativo ($r(32) = .475, p < .01$).

2. Questionário de estilos parentais

No quadro 10 encontram-se as estatísticas descritivas referentes ao questionário de estilos parentais de Arnold, O'Leary, Wolff e Acker.

Quadro 10. Estatísticas descritivas do questionário de Estilos Parentais de Arnold et al.

	N	Média	dp	Mínimo	Máximo
Total	121	3.41	.572	2.20	4.67
Laxismo	123	2.78	.990	1.00	5.55
Verbosidade	122	4.13	.934	1.86	6.14
Sobre-Reactividade	124	3.40	.819	1.60	5.50

O estudo da consistência interna para este questionário foi efectuado com base no cálculo de coeficientes alfa de Cronbach para a escala completa e para cada uma das subescalas que compõem o questionário. O alfa de Cronbach para a escala total assume um valor igual a .668, valor este considerado minimamente aceitável (DeVellis, 1991). Relativamente às escalas que compõem o instrumento apenas a escala Laxismo apresenta um valor respeitável, igual a .750, enquanto que as escalas Verbosidade e Sobre-Reactividade apresentavam valores inaceitáveis, iguais a .326 e a .591 respectivamente (e de acordo com o mesmo autor).⁷

3. Escala de sentido de competência parental

O quadro 11 apresenta os resultados dos estudos de estatística descritiva relativos ao questionário de Sentido de Competência Parental.

Quadro 11. Estatísticas descritivas do questionário de Sentido de Competência Parental

	N	Média	d.p.	Mínimo	Máximo
Total	120	64.54	6.98	47	84
Escala Eficácia	122	26.24	3.80	15	35
Escala Satisfação	122	33.81	4.91	17	45

A Escalas Sentido de Competência Parental possui uma boa consistência interna, traduzida num valor do alfa de Cronbach igual a .772, considerado respeitável, ou seja, indicador de uma consistência interna razoável (DeVellis, 1991).

Relativamente às subescalas que compõem este questionário, Eficácia e Satisfação, apresentam valores de alfa de Cronbach iguais a .759 e a .754, respectivamente, valores considerados, igualmente, respeitáveis (DeVellis, 1991).

⁷ Para uma análise mais pormenorizada da aplicação deste instrumento e do apresentado no tópico seguinte, consultar a dissertação de mestrado de Antunes (2010).

4. Estudo das relações entre variáveis

No Quadro 12 encontram-se os valores de correlações de Pearson obtidos entre as diversas subescalas de cada um dos instrumentos, bem como as correlações entre os vários instrumentos utilizados neste estudo. Como é possível constatar através da análise do quadro, existem algumas correlações estatisticamente significativas, sobretudo intra-instrumentos, que serão descritas seguidamente.

No diz respeito à Bateria de Avaliação do Temperamento Revista – versão pais, as correlações entre as dimensões e subdimensões deste instrumento são todas elas positivas e de magnitude variada. Assim, observam-se correlações moderadas e estatisticamente significativas entre o total da Impulsividade e as respectivas dimensões ($r(98)=.454$ a $.710$, $p<.01$), tal como seria de esperar, verificando-se, neste caso, o efeito de contaminação já anteriormente referido. Entre as subdimensões da Impulsividade observa-se somente uma correlação estatisticamente significativa, mais precisamente entre Nível de Actividade e Emocionalidade Negativa ($r=.367$, $p<.01$). A dimensão Inibição apresenta correlações baixas, quer com a Impulsividade ($r(98)=.195$, $p>.05$) quer com as subdimensões desta, havendo, porém, uma que assume significância estatística ($r(98)=.292$, $p<.01$, com a Falta de Persistência).

Focando-nos agora nas correlações calculadas entre os instrumentos, constatamos que, embora sejam mais baixas, encontram-se algumas com significância estatística. As correlações entre a TABC-R e o Questionário de Estilos Parentais são positivas mas de magnitude baixa, destacando-se, com valores estatisticamente significativos: a correlação entre a Impulsividade e o Laxismo ($r(99)=.221$, $p<.05$); entre a Impulsividade e a Verbosidade ($r(100)=.227$, $p<.05$); entre o Nível de Actividade e a Verbosidade ($r(100)=.218$, $p<.05$). Já entre a TABC-R e o PSOC, os coeficientes de correlação calculados são maioritariamente negativos, de magnitude baixa, e todos eles não significativos do ponto de vista estatístico.

O total do Questionário de Estilos Parentais, apresenta uma correlação positiva elevada com a subescala de Laxismo ($r(119)=.773$, $p<.01$), moderada com a subescala Verbosidade ($r(119)=.649$, $p<.01$) e moderada com a subescala Sobre-Reactividade ($r(119)=.526$, $p<.01$). Contudo, é de assinalar que estes coeficientes apresentam uma forte contaminação relacionada com o facto de os resultados de cada uma das subescalas integrarem o cálculo do resultado total. Relativamente às correlações entre subescalas, observa-se uma correlação significativa e moderada entre Laxismo e Verbosidade ($r(119)=.437$, $p<.01$) e uma correlação também significativa, embora baixa, entre Sobre-Reactividade e Verbosidade ($r(120)=.222$, $p<.05$). As correlações observadas dentro deste questionário são todas positivas, destacando-se uma correlação próxima de zero entre Laxismo e Sobre-Reactividade ($r(121)=.005$, $p=.952$).

Relativamente à Escala de Sentido de Competência Parental, as subescalas que a compõem, nomeadamente Eficácia e Satisfação, apresentam correlações positivas, estatisticamente significativas e de grau elevado com o total ($r(118)=.756$, $p<.01$; $r(118)=.812$, $p<.01$,

respectivamente para a Satisfação e a Eficácia). Tal como no Questionário de Estilos Parentais, também nesta escala os coeficientes de correlação apresentam uma forte contaminação relacionada com o facto de os resultados de cada uma das subescalas entrarem no cálculo do resultado total. A correlação existente entre as duas subescalas é baixa ($r(118)=.246$, $p<.01$), embora significativa.

Por fim, quando analisadas a correlação entre o questionário de Estilos Parentais de Arnold, O'Leary, Wolff e Acker e a Escala de Sentido de Competência Parental verifica-se que o valor de correlação entre o total das duas escalas é negativo, baixo e estatisticamente significativo ($r(115)=-.399$, $p<.01$). Da análise das relações entre estes dois instrumentos é, ainda, de salientar que: as correlações observadas são na sua maioria negativas e de magnitude baixa a moderada; a subescala de Satisfação do PSOC apresenta correlações mais elevadas com os diferentes estilos parentais do que a subescala eficácia ($r(119)=-.455$, $p<.01$; $r(122)=-.418$, $p<.01$; respectivamente com o total de Estilos Parentais e com a Sobre-Reactividade); das três subescalas relativas a estilos parentais, a Sobre-Reactividade é a que apresenta correlações mais elevadas com o Sentido de Competência Parental ($r(120)=-.436$, $p<.01$; $r(122)=-.418$, $p<.01$; respectivamente com o total do PSOC e com a subescala de Satisfação); a subescala Verbosidade é a que apresenta correlações mais baixas com o PSOC.

Quadro 12. Correlações de Pearson intra e inter-instrumentos: Questionário de estilos parentais (n=121), Escala de Sentido de Competência Parental (n=121), Bateria de avaliação do temperamento revista (n=101)

	QEPTotal	QEPLax.	QEPVerb.	QEPRreact.	PSOCTotal	PSOCEf.	PSOCSat.	Inibição	Impulsividade	Emoc. Neg.	N. Acti.	Falta Pers.
QEPTotal	1	.773**	.649**	.526**	.399**	-.097	-.455**	.056	.176	.128	0.87	0.96
QEPLax		1	.437**	.005	-.230*	-.031	-.323**	.163	.221**	.004	.100	.129
QEOVerb.			1	.222*	-.089	.075	-.183*	-.064	.227*	.101	.218*	.140
QEPRreact.				1	-.436*	-.184*	-.418**	-0.15	-.055	.143	-.032	-.062
PSOCTotal					1	.756**	.812**	-.130	-.159	-.175	.041	.004
PSOCEf.						1	.246**	-.140	-.103	-.066	.106	-.083
PSOCSat.							1	-.141	-.149	-.172	-.066	.037
Inibição								1	.195	.127	.095	.292**
Impulsividade									1	.710**	.648**	.454**
Emoc. Neg.										1	.367**	.106
N. Acti.											1	.028
Falta Pers.												1

**p<.01; *p<.05

QEPTotal = Questionário de Estilos Parentais Total; QEPLax. = Questionário de Estilos Parentais, Factor Laxismo; QEPVer. = Questionário de Estilos Parentais, Factor Verbosidade; QEPRreact. = Questionário de Estilos Parentais, Factor Sobre-Reatividade; PSOC Total = Escala de Sentido de Competência Parental Total; PSOC Sat. = Escala de Sentido de Competência Parental, Factor Satisfação; PSOC Ef. = Escala de Sentido de Competência Parental, Factor Eficácia; Inibição = TABC-R Dimensão Inibição; Impulsividade = TABC-R Dimensão Impulsividade; Emoc.Neg. = TABC-R Sub-dimensão da Impulsividade Emocionalidade Negativa; N. Activ. = TABC-R Sub-dimensão da Impulsividade Nível de Actividade; Falta Pers. = TABC-R Sub-dimensão da Impulsividade Falta de Persistência.

V – Discussão e Conclusões

A presente investigação teve como principais objectivos analisar a percepção dos pais acerca do temperamento dos filhos e avaliar a relação entre estas características e os estilos adoptados e o sentido de competência experienciado no exercício da parentalidade. Paralelamente, foi ainda realizado um estudo exploratório das relações entre os estilos parentais e o sentido de competência dos pais. Por fim, com o presente estudo pretende-se contribuir para a validação para a população portuguesa do questionário Bateria de Avaliação do Temperamento Infantil Revista (TABC-R).

Assim, partindo dos objectivos deste estudo, das hipóteses previamente construídas e da análise estatística dos resultados obtidos nos diferentes instrumentos aplicados, seguir-se-á uma reflexão sobre os principais resultados alcançados.

A apresentação dos resultados iniciou-se com uma análise dos dados normativos preliminares da TABC-R e das diferenças em função de características sociodemográficas. Assim, no que diz respeito ao estudo da TABC-R, nas suas diferentes dimensões e subdimensões, em função das variáveis sociodemográficas – género, idade e nível socioeconómico – apenas se registaram diferenças estatisticamente significativas em relação às categorias baixo e elevado nível socioeconómico, o que sugere que esta é uma variável moderadora na percepção dos pais em relação ao temperamento dos filhos. Deste modo, os resultados demonstram que os pais de baixo nível socioeconómico percebem os seus filhos como tendo níveis mais elevados de impulsividade e emocionalidade negativa do que os pais de nível socioeconómico elevado. Saliente-se que o estudo realizado para a população portuguesa por Almeida (2007) não encontrou diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito a esta variável. Os resultados obtidos no presente estudo podem estar relacionados com o conhecimento mais aprofundado que os pais de nível socioeconómico elevado e mais escolarizados têm sobre o desenvolvimento infantil, o qual lhes permitiria ter uma interpretação e percepção mais ajustada das características manifestadas pelas crianças e, deste modo, possuir expectativas mais realistas sobre o que é um comportamento adequado, nestas idades.

Em relação à precisão do instrumento, foi analisada a consistência interna de cada uma das dimensões e subdimensões que compõem a TABC-R através do cálculo do coeficiente alfa de Cronbach e do acordo entre avaliadores, comparando as percepções dos pais com as percepções das educadoras. Os valores de consistência interna revelam-se aceitáveis para grande parte das dimensões e subdimensões (valores do alfa de Cronbach superiores a .750 em três dos cinco casos calculados). Apenas duas das subdimensões da Impulsividade – Nível de Actividade e Falta de Persistência – apresentam valores mais baixos (respectivamente iguais a .455 e a .619) sendo que, no caso da primeira, o valor alcançado é considerado inaceitável por autores como Nunnally (1978), Kline (1993) ou DeVellis (1991). Este resultado poderá dever-se ao facto destas dimensões serem constituídas por um número reduzido de itens, o que contribui para uma

menor consistência interna. A fraca heterogeneidade da amostra estudada – constituída integralmente por crianças da comunidade em geral, sem qualquer tipo de problema – poderá, também, contribuir para estes valores fracos de consistência interna. Na amostra americana nenhuma das dimensões ou subdimensões apresenta valores de consistência interna inaceitáveis (Martin & Bridger, 1999). Contudo, num estudo realizado para a população portuguesa (Almeida, 2007) estas duas dimensões apresentam valores igualmente baixos, iguais a .47 para a subdimensão Nível de Actividade e a .57 para a Falta de Persistência.

Ainda no âmbito dos estudos de consistência interna foi analisado o poder discriminativo dos diversos itens, através das respectivas correlações com os totais das escalas e subescalas em que estão inseridos. A grande maioria das correlações apresenta valores superiores a .20 (Kline, 1993), sugerindo um bom poder discriminativo dos respectivos itens, isto é, o seu contributo positivo para avaliar o constructo que a respectiva escala avalia, no seu conjunto. Porém, alguns itens apresentam valores abaixo do desejável limiar de .20, o que poderá estar relacionado com a forma como os pais interpretam o item. Assim, por exemplo, no item 4 “*Fica muito rabugento(a) quando está cansado(a)*” ou no item 13 “*Quando está a aprender uma nova actividade física, tal como saltar ao pé coxinho, andar de patins ou de bicicleta, passa muito tempo a treinar*” os pais poderão responder não de acordo com o que de facto acontece com o seu filho, mas de acordo com o que pensam ser o comportamento normativo de uma criança. Veja-se, igualmente, que itens com fraca correlação com o total da Impulsividade (como é o caso dos dois exemplos apontados), apresentam correlações mais elevadas e satisfatórias com as subescalas da Impulsividade em que se enquadram.

No estudo do acordo entre avaliadores foram obtidas correlações baixas a moderadas, apenas uma delas estatisticamente significativa, ao nível da dimensão Impulsividade ($r(32) = .475$, $p < .01$). Estes valores baixos poderão estar relacionados com as características que definem cada ambiente, nomeadamente o ambiente de casa e o ambiente da pré-escola, que tendo cada um exigências muito próprias, irá condicionar de forma diferenciada o comportamento da criança. Esta incongruência entre as percepções dos pais e as percepções das educadoras, também verificada por Almeida (2007) no seu estudo com a TABC-R, pode ser entendida como o resultado da variabilidade do comportamento verificada em diferentes contextos, ao acesso restrito dos informadores a determinados comportamentos, à negação da presença de certas características ou à distorção intencional da informação proferida pelos informadores (Mash & Dezois, 1996, cit. in Gonçalves & Simões, 2000). Por outro lado, as educadoras possuem elementos de comparação o que pode conferir uma maior objectividade nas suas observações, uma vez que lidam diariamente com várias crianças da mesma faixa etária (Almeida, 2007). Neste sentido, a recolha de informação com o recurso a diferentes informadores é muito útil em termos de avaliação do temperamento da criança, permitindo o acesso a observações diferentes da criança em contextos diversos e em interações distintas. Assim, a conjugação de informação proveniente de diferentes interlocutores (pais e educadores) reveste-se de uma enorme importância,

constituindo um componente incontornável do complexo trabalho de avaliação (Gonçalves & Simões, 2000).

No que diz respeito às relações estudadas entre as características do temperamento da criança e os estilos parentais encontram-se valores estatisticamente significativos entre a subdimensão Nível de Actividade e o factor Verbosidade e entre a dimensão Impulsividade e os factores Laxismo e Verbosidade. Estes resultados confirmam a hipótese H1 e a sua especificação H1.1, em que se previa que certas características do temperamento da criança estivessem associadas a estratégias parentais inadequadas. Na verdade, níveis mais elevados de impulsividade percebidos pelos pais traduzem-se no recurso a estilos parentais pouco adequados, caracterizados, quer por uma maior permissividade (factor Laxismo), quer pelo recurso a estratégias de correcção verbal do comportamento, que se revelam inadequadas na situação em causa (factor Verbosidade). Este último aspecto encontra-se, também presente, na correlação estatisticamente significativa entre a subdimensão Nível de Actividade e o factor Verbosidade. As correlações significativas encontradas poderão ser explicadas pela dificuldade dos pais em lidar com o comportamento dos seus filhos mais impulsivos e com níveis mais elevados de actividade (Martin & Bridger, 1999), o que vai resultar na adopção de estratégias inapropriadas a longo prazo mas que, no imediato, poderão produzir os efeitos desejados. É neste contexto que Patterson (1968, cit. in Arnold, O'Leary, Wolff, & Acker, 1993) afirma que o factor Laxismo, correspondente a uma disciplina permissiva, está relacionado com o aparecimento de problemas de comportamento, uma vez que o mau comportamento dos filhos é perpetuado quando os pais permitem ou ignoram esse comportamento. Esta relação entre os estilos parentais e as características das crianças é referida por diversos autores (Miller-Lewis et al., 2006; Belsky, Hsieh & Crnic, 1998) alertando que os estilos parentais utilizados pelos pais em conjugação com as características da criança poderão desencadear problemas de externalização e inibição na criança.

Por sua vez, e contrariamente ao que era esperado, as características temperamentais da criança não apresentam correlações estatisticamente significativas com o sentido de competência parental (hipótese H2). Estes resultados contrariam o que foi anteriormente mencionado por Haverson e Deal (2001), que consideram que as características de inibição e persistência são influenciadas por aspectos relacionados com a competência parental. Esta relação entre características da criança e nível de satisfação / sentimento de eficácia relativamente à parentalidade foi destacada por vários autores (Reder & Lucey, 1995, cit. in Budd, 2001; Sabatelli & Waldron, 1995; Henry & Peterson, 1995) os quais apontam que níveis mais elevados de satisfação e competência traduzem-se numa menor dificuldade em termos de promoção da disciplina, num melhor ajustamento com as características da criança e na promoção de comportamentos ajustados. O facto dos pais, na sociedade actual, terem de conjugar a parentalidade com variáveis relacionadas com o emprego, as necessidades económicas e a resposta às exigências, quer a nível pessoal, quer profissional, que a sociedade vai impondo, poderá esbater esta relação entre as características da criança e os níveis de satisfação e eficácia parentais. Assim, outras variáveis poderão

assumir um importante papel moderador nesta relação. Por outro lado, o facto de estas crianças ainda não frequentarem a escola poderá, também, influenciar estes resultados, uma vez que a frequência escolar implica avaliações constantes, sendo nestes momentos que os pais criam um conjunto de expectativas em torno do desempenho escolar dos filhos, sentindo-se responsáveis pela promoção desse desempenho. Este aspecto, conjugado com a importância que a escola tem no mundo actual, poderá traduzir-se no desenvolvimento de uma relação mais evidente entre as características das crianças e o sentido de competência parental.

Por fim, a análise da relação entre os estilos parentais e o sentido de competência parental revela a existência de correlações negativas sendo estas, na sua maioria, estatisticamente significativas (hipóteses H3, H3.1 e H3.2). Este resultado vem ao encontro do que é sugerido pela literatura, segundo a qual o recurso a estilos parentais inadequados poderá traduzir-se em níveis mais baixos de satisfação e eficácia percebidos pelos pais (Bor & Sanders, 2006; Sabatelli & Waldron, 1995). Estes níveis mais baixos de satisfação e a percepção de ineficácia enquanto pais, poderão, por seu turno, acarretar sentimentos de frustração, tristeza, baixa auto-estima e intolerância, favorecendo a continuidade do recurso a estilos parentais ineficazes e a manutenção da situação problemática, caso esta exista (Johnston & Mash, 1989; Mathiesen & Prior, 2006; Bor & Sanders, 2006; Sabatelli & Waldron, 1995).

Este estudo constitui uma pequena aproximação à compreensão da relação existente entre características temperamentais das crianças e variáveis relacionadas com a parentalidade, nomeadamente os estilos parentais e o sentido de competência parental. Contudo, apresenta algumas limitações.

O facto de não existirem normas para a população portuguesa, para nenhum dos instrumentos utilizados, constitui uma limitação importante do estudo. A inexistência de dados normativos representa uma lacuna significativa uma vez que condiciona a interpretação dos resultados obtidos. Assim, será importante redireccionar investigações futuras no sentido de obter amostras normativas representativas da população portuguesa nesta faixa etária. Note-se, ainda assim, que a proximidade dos valores T alcançados no TABC-R relativamente aos esperados (em termos de média e de desvio-padrão), destaca o facto, já anteriormente assinalado (Almeida, 2007), de as crianças portuguesas poderem não se diferenciar substancialmente das americanas, no que respeita às características avaliadas por este questionário.

No que diz respeito à amostra, importa referir que o número de questionários da Bateria de Avaliação do Temperamento preenchidos por educadoras foi reduzido devido à resistência que as instituições e as próprias educadoras apresentavam em relação ao seu preenchimento. Neste sentido, seria importante sensibilizar as instituições e as educadoras para a relevância deste tipo de estudos, que enfatizam a mútua influência entre as crianças e o meio ao qual pertencem, no sentido de promover uma maior adesão à participação em projectos de investigação.

As dificuldades evidenciadas pelos pais no preenchimento do

questionário de Estilos Parentais devem ser consideradas no sentido de melhorar o instrumento. Frequentemente, os pais não perceberam as instruções presentes no questionário, situação evidenciada aquando do seu preenchimento pelas constantes solicitações com vista ao esclarecimento de dúvidas. Relativamente às instruções consideramos que seria relevante retirar ou simplificar o item exemplo. Foram vários os pais que pensavam que o exemplo era um item de resposta. Em relação à escala, consideramos que seria um elemento facilitador a utilização de uma numeração para cada um dos itens de forma a ajudar os pais a situarem a sua resposta.

Estas limitações permitem-nos pensar em linhas de investigações futuras. Assim, seria relevante a utilização dos instrumentos em estudos com diferentes populações clínicas, com o objectivo de melhor conhecer a relação que se estabelece entre pais e filhos e, assim, desenvolver formas de potenciar e promover um bom ajustamento entre ambos.

Estas investigações, para além de se centrarem na idade pré-escolar, poderiam estender-se a crianças que frequentem o primeiro ciclo, com o objectivo de comparar as percepções de pais de crianças que frequentam níveis de ensino tão diferenciados e com exigências tão distintas. Seria, igualmente, relevante realizar um estudo comparativo dos estilos parentais adoptados por pais de crianças em idade pré-escolar com os pais de crianças em idade escolar, assim como, comparar o grau de satisfação e percepção entre ambos.

No fundo, todas estas investigações devem desenvolver-se tendo em vista um fim comum, isto é, conhecer melhor os diversos componentes das relações entre pais e filhos para que, caso seja necessário, se possam promover intervenções que fomentem o bom ajustamento entre a criança e o seu meio.

O conhecimento das características temperamentais das crianças por parte dos pais e dos profissionais que com elas contactam permite o recurso a estratégias mais eficazes na forma de lidar com elas, promovendo o bom ajustamento (Chess e Thomas, 1996; Schipper, Tavecchio, IJzendroorn & Zeijl, 2004). Por sua vez, o melhor entendimento entre pais e filhos traduzir-se-á em comportamentos mais adequados por parte das crianças e na experiência de níveis mais elevados de satisfação e eficácia por parte dos pais. Assim, os adultos que integram o meio relacional das crianças e que conhecem as suas características temperamentais possuem o papel principal nesta adaptação do meio em função dessas características (Kristal, 2005). Neste sentido, o desenvolvimento de investigações nesta área permitirá um melhor conhecimento das características específicas da população portuguesa, podendo potenciar o aparecimento de programas mais eficazes, destinados aos pais em geral e, principalmente, a pais de filhos com características especiais.

Bibliografia

- Almeida, M. (2007). *Bateria de Avaliação do Temperamento Infantil – Forma Revista (TABC-R): Estudos em amostras clínicas*. Dissertação de Mestrado não publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.
- Almeida, M., & Seabra-Santos, M. (no prelo). Bateria de Avaliação do Temperamento Infantil – Forma Revista. *Psychologica*.
- Antunes, N. (2010). *A parentalidade e a criança: estudo exploratório sobre a relação entre estilos parentais, sentido de competência parental e o comportamento da criança*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia Sistémica, Saúde e Família, apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Arnold, D. S., O’Leary, S. G., Wolff, L.S., & Acker, M. M. (1993). The Parenting Scale: A measure of dysfunctional parenting in discipline situations. *Psychological Assessment*, 5, 137-144.
- Arnold, E., & O’Leary, S. (1997). Mothers’ and fathers’ discipline of hard-to-manage toddlers. *Child & Family Behavior Therapy* 19 (3), 1-11.
- Aunola, K., & Nurmi, J. (2005). The role of parenting styles in children’s problem behavior. *Child Development*, 76 (6), 1144-1159.
- Barber, B. K., & Buehler, C. (1996). Family cohesion and enmeshment: Different effects. *Journal of Marriage and the Family*, 58, 433-441.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37, 887-907.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monographs*, 4(1), 1-103.
- Baumrind, D. (1991). The influence of parenting styles on adolescent competence and substance use. *Journal of Early Adolescence*, 11, 56-95.
- Belsky, J., Hsieh, K., & Crnic, K. (1998). Mothering, fathering, and infant negativity as antecedents of boys’ externalizing problems and inhibition at age 3 years: Differential susceptibility to rearing experience? [on-line]. *Developmental Psychology*, 10(2). Abstract consultado de Cambridge Journals Online, doi: 10.1017/S09545794800162X.
- Benetti, S., & Balbinotti, M. (2003). Elaboração e estudo de propriedades psicométricas do inventário de práticas parentais. *Revista Psico-USF*, 8 (2), 103-114.
- Boles, R., Roberts, M., Brown, K., & Mayes, S. (2005). Children’s risk taking behaviors: The role of child-based perceptions of vulnerability and temperament. *Journal of Pediatric Psychology*, 30 (7), 562-570.
- Bor, W., & Sanders, M.R. (2004). Correlates of self-reported coercive parenting of preschool-aged children at high risk for the development of conduct problems. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 38, 738-745.
- Budd, K. (2001). Assessing parenting competence in child protection cases: A clinical practice model. *Clinical Child and Family Psychological Review* 4 (1), 1-18.
- Chess, S., & Thomas, A. (1996). *Temperament: Theory and practice*. New York: Brunner/Mazel.

York: Brunner/ Mazel Publishers.

- Chess, S., & Thomas, A. (1999). *Goodness of fit: Clinical applications from infancy through adult life*. New York: Brunner/ Mazel Publishers.
- Cohen D. A., & Rice, J. (1997). Parenting styles, adolescent substance use, and academic achievement. *Journal of Drug Education*, 27, 199-211.
- Cruz, H., & Pinho, I.(2006). *Pais: Uma experiência*. Porto: Papiro Editora.
- Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113 (3), 487-496.
- DeVellis, R.F. (1991). *Scale development: Theory and applications*. NewBury Park, CA: SAGE Publications.
- Fine, M., Donnelly, B., & Voydanoff, P. (1986). Adjustment and satisfaction of parents: A comparison of intact, single-parent, and stepparent families. *Journal of Family Issues*, 7, 391- 404.
- Galambos, N., Baker, E., & Almeida, D. (2003). Parents do matter: Trajectories of change in externalizing and internalizing problems in early adolescence. *Child Development*, 74, 578-594.
- Goetting, A. (1986). Parental satisfaction: A review of research. *Journal of Family Issues*, 7 (1), 83-109.
- Goldsmith, H., Buss, A., Plomin, R., Rothbart, M., Thomas, A., Chess, S., Hinde, R. & McCall, R. (1987). Roundtable: What is temperament? Four approaches. *Child Development*, 58, 505-526.
- Gonçalves, M., & Simões, M. (2000). O modelo multiaxial de Achenbach (ASEBA) na avaliação clínica de crianças e adolescentes. In I. Soares (coord.), *Psicopatologia do desenvolvimento: Trajectórias (in)adaptativas ao longo da vida* (pp. 44-87). Coimbra: Quarteto Editora.
- Halverson, C., & Deal, J. (2001). Temperamental changes, parenting, and the family context. In T. Waches, & G. Kohnstamm (Eds.). *Temperament in context* (pp. 61-79). London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Henry, C., & Peterson, G. (1995). Adolescent social competence, parental qualities, and parental satisfaction. *American Journal of Orthopsychiatry*, 65(2), 249-262.
- Johnston, C., & Mash, E. (1986). A measure of parenting satisfaction and efficacy. *Journal of Clinical Child Psychology* 18(2), 167-175.
- Kline, P (1993). *The handbook of psychological testing*. London: Routledge
- Kristal, J. (2005). *The temperament perspective: Working with children's behavioral styles*. New York: Brookes Publishing Co.
- Maccoby, E., & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interactions. In P. H. Mussen & E. Hetherington (Eds.), *Handbook of child psychology: Socialization, personality, and social development*, (Vol. 4, pp. 1-101). New York: John Wiley & Sons.
- Maroco, J., & Bispo, R. (2005). *Estatística aplicada às ciências sociais e humanas*. (2ª ed.). Lisboa: Climepsi Editores.
- Martin, R., & Bridger, R. (1999). *Temperament Assessment Battery for Children – Revised. A tool for the assessment of temperamental traits and types of young children: Manual*. Athens, G.A.: School Psychology Clinic Publishers.
- Mathiesen, K., & Prior, M. (2006). The impact of temperament factors and

- family functioning on resilience process from infancy to school age. *European Journal of Developmental Psychology*, 3 (4), 357-387.
- McDevitt, S. (1994). Assessment of individual differences in the temperament of children: Evaluation of interactions. In W. Carey & S. McDevitt (Eds.), *Individual differences as risk factors for the mental health of children* (pp. 193-201). New York: Brunner /Mazel Publishers.
- Mercer, R., & Ferketich, S. (1994). Predictors of maternal role competence by risk status. *Nursing Research*, 43(1), 38- 43.
- Miller-Lewis, L., Baghurst, P., Sawyer, M., Prior, M., Clark, J., Arney, F., & Carbone, J. (2006). Early childhood externalizing behavior problems: Child, parenting, and family-related predictors over time. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 34, 891-906.
- Normah, C., Azlin, M., Idris, M., Noor, H., Hanafiah, M., Rosnah, S., Hazlina, M., Noor, I., & Hamimah, I. (2005). Parenting and social support as perceived by adolescents: A comparison between three FELDA land scheme developments. *Malaysian Journal of Psychiatry*, 13 (1), 43-52.
- Nunnally, J. C. (1978). *Psychometric theory*. (2nd ed.). New York: McGraw-Hill.
- Ohan, J. L., Leung, D. W., & Johnston, C. (2000). The parenting sense of competence scale: Evidence of a stable factor structure and validity. *Canadian Journal of Behavioral Science*, 32 (4), 251-261.
- Oliveira, E. A, Marin, A. H., Pires, F. B., Frizzo, G. B., Ravello, T. & Rossato, C. (2002). Estilos parentais autoritário e democrático-recíproco intergeracionais, conflito conjugal e comportamentos de externalização e internalização. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15, 1-11.
- Paulussen-Hogeboom, H., Stams, G., Hermanns, J., Peetsma, T., & Wittenberg, G. (2008). Parenting Style as a mediator between children's negative emotionality and problematic behavior in early childhood. *The Journal of Genetic Psychology*, 169 (3), 209-226.
- Pereira, A. (1999). *Guia prático de utilização do SPSS: Análise de dados para ciências sociais e psicologia*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Pestana, M., & Gageiro, J. (2003). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS*. (3^a ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Pimentel, M. (2008). *Impacto da PH/DA em variáveis relacionadas com a parentalidade*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia da Educação, Aconselhamento e Desenvolvimento, apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Putman, S., Sanson, A., & Rothbart, M. (2002). Temperament and parenting. In M. Bornstein (Eds.) *Handbook of parenting: Children and parenting*. (Vol.1, 2nd ed., pp. 255-278). London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Rivers, J., & Stoneman, Z. (2008). Child temperaments, differential parenting, and the sibling relationships of children with autism spectrum disorder. *Journal of Autism and Development Disorders*, 38, 1740-1750.

- Sabatelli, R., & Waldron, R. (1995). Measurement issues in the assessment of the experiences of parenthood. *Journal of Marriage and the Family*, 57(4), 969-980.
- Schipper, J., Tavecchio, L., IJzendoorn, M., & Zeijl, J. (2004). Goodness-of-fit in center day care: Relations of temperament, stability, and quality of care with child's adjustment. *Early Childhood Research Quarterly*, 19, 257-272.
- Seabra-Santos, M. J. (2007). Diferenças individuais no temperamento: Implicações para o contexto escolar. In A. C. Fonseca, M. J. Seabra-Santos, & M. F. F. Gaspar (Eds.), *Psicologia e Educação: Novos e velhos temas* (pp.195-216). Coimbra: Almedina.
- Solantaus-Simula, T., Punamäki, R., & Beardslee, W. (2002). Children's responses to low parental mood II: Associations with family perceptions of parenting styles and child distress. *American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 3(41), 287-295.
- Strelau, J. (1998). *Temperament: A psychological perspective*. New York: Plenum Press.
- Strelau, J. (2001). The role of temperament as a moderator of stress. In T. Wachs & G. Kohnstamm (Eds.), *Temperament in context* (pp. 153-172). London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Wachs, T. & Kohnstamm, G. (2001). The bidirectional nature of temperament: Context links. In T. Wachs & G. Kohnstamm (Eds.), *Temperament in context* (pp. 201-222). London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Weber, L., Prado, P., Viezzer, A., & Brandenburg, O. (2004). Identificação de estilos parentais: O ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17 (3), 323-331.
- Werkhoven, W., Londen, A., & Stevens, L. (2001). Teaching and parenting styles related to children's achievement motivation and learning outcomes. In A. Efklides, J., Kuhl, & R. Sorrentino (Eds), *Trends and prospects in motivation research* (pp. 85-99). Utrecht: Kluwer Academic Publishers.

Anexos

Anexo 1: Pedido de colaboração aos pais e explicação do estudo

Caro Pai/ Mãe/ Encarregado de Educação:

Na qualidade de aluna do Mestrado Integrado em Sistémica, Saúde e Família, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, estou a desenvolver um trabalho de investigação relativo à forma como os pais vêem os seus filhos e de que forma isso poderá influenciar a forma como lidam com eles e a sua satisfação enquanto pais, sob a orientação da Doutora Maria João Seabra Santos.

É neste sentido que venho solicitar a sua colaboração, através do preenchimento de três breves questionários. Os dados recolhidos destinam-se somente a esta investigação e serão tratados com absoluta confidencialidade.

Para qualquer esclarecimento adicional poderá contactar-nos através dos emails seabramj@fpce.uc.pt ou silvana.martins12@gmail.com, ou através do telemóvel 967344156 ou do telefone 239851456 (Faculdade).

Desde já grata pela sua colaboração, com os melhores cumprimentos.

Coimbra, 23 de Outubro de 2009

Silvana Martins

Anexo 2: Resultados Padronizados T por idades (n=98)

	Idade	Média	dp	Mínimo	Máximo
Inibição	3	50.39	11.02	34	75
	4	49.39	8.30	36	68
	5	49.56	5.61	39	62
Emocionalidade Negativa	3	51.72	11.82	32	71
	4	51.73	8.26	36	78
	5	49.83	6.80	38	62
Nível de Actividade	3	49.39	8.96	35	65
	4	50.31	8.63	36	72
	5	49.41	7.60	33	71
Falta de Persistência	3	49.33	9.33	31	65
	4	48.92	8.93	35	68
	5	49.00	7.84	34	70
Impulsividade	3	50.79	7.43	39	64.5
	4	52.39	7.88	40	72
	5	50.65	6.75	36	69